

Mahin



Revista Literária

Ano 3, número 4, agosto de 2021 | www.revistamahin.com.br

Vozes erguidas na literatura de

Cristiane Sobral

Entrevistas, resenhas, artigos, inéditos e lançamentos.



Mahin é uma publicação da Editora Malê

Expediente

Editor: Vagner Amaro

Assistente editorial: Marlon Souza

Capa – Foto: Thaís Mallon

Colaboradores desta edição: Henrique Marques Samyn, Eliana Silva dos Santos, Janaína Oliveira Caetano, Suzete Araújo Oliveira Gomes, Helena Carla Castro, Danúbia Jorge da Silva, Rodolfo Teixeira Alves, Amanda Lourenço, Deivide Almeida Ávila, Ariele S. Santos, Bruna Gabriella Santiago Silva, Naiara Santos e Silva, Ana Maria Carmo e Tábatta Santos.

Comissão editorial: Simone Ricco (Mestre em Literatura Africana), Wesley Correia (Doutor em Estudos Étnicos e Africanos), Henrique Marques Samyn (Doutor em Literatura), Patrícia Costa (Mestre em Biblioteconomia).

Online: www.revistamahin.com

Matérias e sugestões de pauta:

revista@editoramale.com.br

Para anunciar:

vendas@editoramale.com.br

ISSN: 2596-3538

A Editora Malê não se responsabiliza pelas ideias e conceitos expressos nos artigos assinados, que trazem somente o pensamento dos autores e não representam necessariamente a opinião da revista.

EDITORIAL

Nesta quarta edição da Mahin — Revista Literária destacamos a trajetória da escritora carioca Cristiane Sobral. Cristiane comenta sobre o seu projeto literário e sobre o seu mais recente livro *Amar antes que amanheça* (Editora Malê). Em ensaio de Henrique Marques Samyn descobrimos mais sobre a potência poética da escritora e slammer Mel Duarte. A literatura infantil negra brasileira é analisada no texto de Janaína Oliveira Caetano, Suzete Araújo Oliveira Gomes e Helena Carla Castro. Destacamos a obra *O mar que banha a ilha de Goré*, de Kiusam de Oliveria, resenhada por Danúbia Jorge da Silva.

Liberdade é o tema central da resenha de Amanda Lourenço para o *Livro do avesso, o pensamento de Edite*, de Elisa Lucinda. Eliana Silva dos Santos nos convida para refletir sobre ancestralidade a partir do livro *O crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz.

Na sessão inéditos, apresentamos contos

de Deivide Almeida Ávila, Ariele S. Santos, Bruna Gabriella Santiago Silva, Naiara Santos e Silva, Ana Maria Carmo e Tábatta Santos que renovam as nossas esperanças sobre a diversidade na literatura negra brasileira.

Rodolfo Teixeira Alves escreve o ensaio “O que se come em Torto Arado”, sobre o romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior.

Editar uma revista literária de acesso gratuito, no Brasil de 2021, não é uma tarefa simples. É um ato político de resistência divulgar literatura, novidade e vida quando o governo brasileiro nos empurra para a morte (em diversos sentidos, mortes).

Deixo o meu convite afetuoso para que leiam e divulguem a Mahin, e que possamos continuar firmes, registrando e comunicando a produção literária de escritores e escritoras negros, o pensamento crítico e antirracista.

Entrego mais uma edição da Mahin como um tipo de carta, uma carta de esperança.

Vagner Amaro
Editor da Mahin

Os voos da poeta-abelha: a trajetória de Mel Duarte

Por Henrique Marques Samyn

Morte e ancestralidade em *O crime do Cais do Valongo*

Por Eliana Silva dos Santos

Vozes erguidas na literatura de Cristiane Sobral

Por Vagner Amaro

“Eu sou uma princesa!” A potência da literatura negro-brasileira para o público infantojuvenil

Por Janaína Oliveira Caetano, Suzete Araújo Oliveira Gomes e Helena Carla Castro

Resenha: O mar que banha a ilha de Goré de Kiusam de Oliveria

Por Professora M.a.Danúbia Jorge da Silva

O que se come em Torto Arado

Por Rodolfo Teixeira Alves

A liberdade do avesso

Por Amanda Lourenço

Contos inéditos

Desencontros, de Deivide Almeida Ávila Ícaro, de Ariele S. Santos

Ananda, de Bruna Gabriella Santiago Silva
Há pedaços dos nossos espalhados pela cidade, de Naiara Santos e Silva

A revolução de Amoroso, de Ana Maria Carmo

Minha linda (Negra Ângela)!, de Tábatta Santos

Sugestões de leituras: lançamentos

SUMÁRIO

Os voos da
poeta-abelha: a
trajetória de
Mel Duarte

Por Henrique Marques Samyn

1. A descoberta do pólen

Mel Duarte publicou seu primeiro livro, *Fragmentos dispersos*, em 2013. Não se tratava, decerto, da obra de uma iniciante: tendo escrito seus primeiros poemas aos oito anos, Mel já era uma ativa participante de saraus na cidade de São Paulo; não obstante, se levamos em consideração a importância simbólica do livro na cultura ocidental – como objeto material que registra um conjunto de saberes e tem o poder de consagrar uma autoria –, *Fragmentos dispersos* sinaliza o momento em que Mel Duarte, a *slammer*, torna-se a poeta, em um sentido mais convencional (o que significa, ademais, a oportunidade de alcançar um determinado *status* em nosso cenário literário e cultural).

Neste livro curto, em que predominam poemas breves – a exceção é “Benigno signo”, que encerra a obra –, a procura emerge como questão central, evidenciada pela voz de um eu lírico que busca reconhecer-se no mundo e em sua relação com outras subjetividades. Se, por um lado, isso pode ser compreendido como um tema historicamente constante, sobretudo, na produção literária de autoria feminina – em decorrência da estruturação das sociedades patriarcais que impõe às mulheres o questionamento sobre seu lugar, mormente quando essas ousam desafiar os valores hegemônicos ou vocalizar suas próprias demandas –, penso que, no caso específico de Mel Duarte, assomam duas questões. Primeiro, há o já referido movimento em que a *slammer* se afirma como poeta, transfe-

rindo a poesia para o suporte material, o que implica uma reinvenção da linguagem; movimento que, se não estranho ou novo, impunha a construção pública de uma nova etapa na trajetória singular de Mel Duarte. Uma segunda, e mais decisiva questão, diz respeito à constituição de um processo poético centralizado na afetividade, o que propicia a eclosão de uma voz lírica em diálogo com uma alteridade que pode ou não estar identificada no texto poético.

Embora isso não seja algo atípico – considerando-se, em particular, a tradição poética de autoria negra feminina –, entendo que, na escrita de Mel Duarte, esse movimento recebe um tratamento peculiar, em que o lirismo se manifesta como um elemento tangível, configurado a partir de trocas intersubjetivas. É nesse sentido que quero evocar, aqui, a metáfora do pólen, de modo a ressignificar um item familiar à imagética típica da obra de Mel Duarte: se, na natureza, o pólen é a substância fecundante transferida entre as flores, estamos diante de uma poeta-abelha que produz seu material lírico a partir das relações que estabelece entre diferentes subjetividades. Leia-se, por exemplo, o poema “Simplicidade”:

“Ele acredita ser simples a vida, era puro riso e alegria. / Ela cultivava sonhos em pequenos frascos, almejava soltá-los em diversas ilhas. / Ele respirava paz, carregava lembranças em calças velhas. / Ela decifrava as cartas, conversava com os animais e as estrelas...”

O que a voz lírica promove nessa composição é o tácito encontro entre duas individualidades que se complementam a partir do que apresentam de

singular. Não é preciso que o texto poético descreva a convergência concreta entre uma e outra; basta que o eu lírico reconheça o que há de específico em cada uma delas, num processo de ir e vir que, ao enfatizar o contraste entre ambas, sugere uma confluência possível. De fato, ainda que o encontro não seja descrito na composição, o arranjo paralelístico destaca o papel da poeta-abelha que transporta o pólen lírico entre as subjetividades.

No penúltimo poema do livro, “Enlaço”, temos a figuração de um encontro efetivo:

“Entrelaçaram-se sem dó,
/ misturaram-se. / Houve o momento de ser / e, juntos, foram...”

Decerto poderíamos, num exercício imaginativo, vislumbrar nesses versos o desenlace da situação figurada no poema anterior; todavia, isso não é necessário, sobretudo se consideramos que a atividade da poeta-abelha não se resume a momentos esporádicos: trata-se, efetivamente, de um modo de estar no mundo. Sendo ou não responsável pela convergência dos entes que se entrelaçam e se misturam, o eu lírico é quem registra essa confluência sob a forma de texto poético, seja um evento real ou imaginário; consolidando, nesse movimento, o ato que desloca o pólen metafórico e, a partir dele, construindo a poesia.

2. O voo da poeta-abelha

Tendo (re)estabelecido seu lugar no mundo, a poeta-abelha alça voo. Em *Negra. Nua. Crua*, de 2016, Mel Duarte publica poemas mais extensos que preservam, entretanto, as marcas da oralidade. Trata-se, em outras palavras, do registro literário de uma poeta-*slammer* que já domina os meios que lhe permitem resolver

satisfatoriamente as tensões entre o texto escrito e a poesia falada; isso pode ser percebido tanto na escolha vocabular quanto na estrutura discursiva e rítmica das composições.

O processo criativo desenvolvido por Mel Duarte se mantém, na medida em que o eu lírico sustenta o ofício de transportar o pólen entre as subjetividades, fabulando encontros e gerando sentidos; anuncia-se, por outra via, a construção de um trabalho cada vez mais dedicado à coletividade (genericada e racializada). Os componentes biográficos emergem de modo mais ostensivo, como denotam estes versos de “Líderes”:

“Cresci brincando na rua,
nas vielas pela quebrada, /
filha única sim, mas nunca mimada,
/ desde cedo aprendi que nada me viria de graça. /
Já vivi a fase das vacas gordas,
mas há tempos tô parada na das vacas magras... // [...] //
O sistema hoje até pode rir de mim,
de nós, / mas espera... /
Enquanto eles criam uma geração à base de novela,
/ eu fico com a que cresceu interessada em sua história, / res-

peitando e aprendendo com Carolina, Malcolm, Dandara, Zumbi e Mandela.”

Persistindo em seu voo, a poeta-abelha reconhece os espaços já percorridos, revisitando os caminhos que lhe permitiram aprender a arte da polinização. Regressar a momentos anteriores oferece a oportunidade para reconstituir as condições que lhe permitiram, outrora, abrir as asas e sentir a direção do vento; discernir os passos (e os voos) dos que antes vieram facultar investir o voo de um propósito político, como ato de resistência. Não se trata de supor que *Fragmentos dispersos* fosse um livro inconsequente; para qualquer mulher negra, escrever significa enfrentar a sociedade racista e patriarcal. Contudo, a voz que ressoa em *Negra. Nua. Crua* desafia deliberadamente o mundo, sem negligenciar a potência da afetividade:

“Sem luz no fim do caminho / até acreditar no amor e tudo se alumiará bem devagarinho. / Sem perdas e tristezas, / respira tranquila, menina, / aquieta os passos, menino. // Voz que ecoa é canto livre de passarinho, / nó em dois é desculpa pra fazer novo ninho, / ser par e não mais viver sozinho.”

O amor constitui, portanto, um fundamento para o processo de polinização poética, visto que possibilita a emergência das relações empáticas que estão na base da obra de Mel Duarte. Como luz, o amor permite que o voo seja direcionado para a construção de um futuro, assim como para a descoberta de novos horizontes que viabilizem uma existência não solitária, mas solidária: “ser par” é manter presentes, todo o tempo, as condições imprescindíveis para que a polinização ocorra. *Negra. Nua. Crua* pode ser lido, nessa medida, como um livro de transição, em que os voos da poeta-abelha

alcançam maiores distâncias e desvelam novas possibilidades.

3. A fabricação do favo

Ao publicar *Colmeia*, em 2021, compilando nesse volume sua produção poética, Mel Duarte inseriu a seção “Favo”, na qual reúne poemas compostos entre 2016 e 2019, originalmente publicados em outras obras. Sendo o favo o alvéolo de cera em que a abelha deposita o mel, o termo designa com precisão esse conjunto de composições no qual a dimensão dialógica é essencial, visto subjazer ao processo criativo o desígnio de inscrever os poemas em espaços nos quais atendem a demandas diversas. Pode-se compreender, portanto, essa recolha como uma coleção de registros dos voos da poeta-abelha, a fim de atender aos apelos da coletividade; radicaliza-se, assim, a tendência que, embora latente nos *Fragmentos dispersos*, manifestava-se mais explicitamente em *Negra. Nua. Crua*.

Destarte, o tom reivindicatório que predomina nesta seção está intrinsecamente ligado à construção de um enfrentamento coletivo: a poeta-abelha faz de sua voz um instrumento para a convocação de pares, por via de uma mobilização afetiva com evidentes propósitos políticos. Assim lemos em “Deslocamento – poema manifesto”:

“Retomar o que é nosso por direito, / por mais espaços públicos para o povo periférico, / que nossa dança ressoe em corpos presos por pré-conceitos, / que nossa palavra atravesse barreiras e no peito cause efeito, / que nosso som extravase e chegue aos ouvidos mais primitivos, / que nossa imagem sobreponha tudo que antes foi aprendido. // E que, de uma vez por todas, reconheçam nossas artes / com o valor merecido.”



Foto: Julia Rodrigues

A evocação da ancestralidade (“Eu peço a lansã que cuide do meu dom”) e a convocação de existências irmãs (“Leoas na selva de pedra / estamos sempre alertas”) servem ao objetivo de favorecer um encontro de forças com potencial de transformação; a construção dos favos permite a recolha do mel-poesia, gestando as condições para a ação efetiva. “Favo” reúne, enfim, alguns dos mais intensos versos de Mel Duarte, compostos para as “mulheres multidões” dispostas a enfrentar o mundo –

“Expandindo as visões, / mulheres multidões / fora dos padrões / feitos pra nos excluir.”

4. Prenúncios do néctar

A seção que encerra *Colmeia*, “Néctar”, reúne poemas inéditos, escritos ao longo de 2020. Ali encontramos um conjunto de composições que pode ser lido como um indício de rumos futuros, a partir de uma ponderação acerca da obra anteriormente produzida por Mel Duarte e de seus desenvolvimentos.

A busca de uma nova figura com potencial metafórico, que opere como conceito produtivo em termos hermenêuticos, faz emergir o néctar como substância utilizada pelas abelhas para produzir o mel. Se evocamos a imagem da poeta-abelha que trabalha para produzir o mel lírico, o néctar pode ser pensado como a fonte bruta do material poético, propiciando o processo de polinização anteriormente já referido. O que se pode perceber, nas mais recentes composições de Mel Duarte, é uma expansão dos horizontes de produção lírica, algo decorrente de um amadurecimento que favorece o reconhecimento de novas fontes de inspiração. Em si e no mundo que a cerca, Mel Duarte descobre o néctar que concede novo alento à sua poesia.

Algo particularmente notável é como, na obra de Mel Duarte, sobejam continuidades. Trata-se de uma literatura que se desenvolve sem rupturas profundas; as mudanças mais nitidamente perceptíveis dizem respeito à incorporação de novas modulações e arranjos formais. Leiam-se estes versos:

“Quanto teu sopro invade meu peito, / é fôlego novo que joga pra dentro. // Só eu sei / tantos que perdi, // enquanto te chamava em segredo.”

Em que pesem algumas diferenças relevantes, este poema poderia estar nas páginas de *Fragmentos dispersos*. Um exame mais detido evidencia as dessemelhanças: há aqui uma maior contenção no tratamento do lirismo, de que resultam uma construção mais rigorosamente desenvolvida e um manejo mais sofisticado da pontuação; os efeitos disso podem ser percebidos na estrutura rítmica da composição. O mesmo poderia ser afirmado acerca deste outro poema:

“Sentia o bater das ondas / como se fossem tambores a lhe chamar. / Ela, menina iniciada na vida, / que planta verbo por onde passa, / sabia que aquele era seu lugar, / ainda que não nascesse ali / nem crescesse por lá. // Lugar da gente é onde o peito chama / e a alma pede pra ficar.”

Ainda escrevendo para uma alteridade, o que sustenta a relação dialógica subjacente à sua produção, a poeta-abelha delinea com mais segurança o lugar de sua própria subjetividade lírica; isso lhe permite construir um discurso cada vez mais apartado do solipsismo, em direção ao acolhimento de vivências alheias.

Não obstante, a versatilidade de Mel Duarte se faz também presente em “Néctar”, no qual não escasseiam poemas longos. Transcrevo apenas a estrofe que encerra “Fagulha”:



“Joguei meu corpo nesse insano mundo, / bolei planos futuros porque acredito na revolução. / Pressinto anciãs retintas que estão comigo, / cautelosamente traçadas nas palmas de minhas mãos. / Entenda, minha voz é incendiária e ainda vou alastrá-la que nem brasa. / Do mais, poesia é abrigo, estratégia contra o inimigo, fagulha que chama explosão!”

As diversas faces da escrita de Mel Duarte constituem manifestações de um ímpeto criativo que volta a si mesmo e se renova a partir de uma disposição empática, movida pelo desejo de transformar a realidade. Entender-se no mundo, compreender suas próprias fronteiras, significa reconhecer em si novas forças: “Eu escrevo para expurgar os medos / a solidão em meio a tantos enredos / Despertar o que me habita / Desvendar meus próprios segredos”. A poeta-abelha continua seus voos, vasculhando o mundo, na incessante procura do pólen e do néctar que alimentam seu estro.

Morte e
ancestralidade em
O crime do Cais
do Valongo



Foto: Fco Jorge

O *Crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz, é uma obra importante para aqueles que desejam conhecer a história do Brasil sob outro viés. É nessa narrativa potente que Nuno e Muana Lomuè desenvolvem papéis importantes na construção de um discurso distinto acerca da prática escravocrata brasileira. Nesse caminho, tensiono as relações entre a morte e a ancestralidade para os pretos novos, aqueles que morreram ainda no navio negreiro ou quando chegaram ao Valongo. Questiono como, em meio a tantos povos africanos e culturas, acontece a passagem para um outro nível de vida, quando os rituais fúnebres africanos não são realizados de maneira adequada ou nem mesmo acontecem. Salientarei, ainda, a importância desses ritos para aqueles que viviam na diáspora afro-brasileira e como o Cemitério dos Pretos Novos e o Cais do Valongo se constituíram como outras formas de desrespeito e violência cultural a esses povos que foram sequestrados de suas terras.

O romance *O crime do Cais do Valongo* é ambientado no Rio de Janeiro do século XIX e tem a região portuária como centro de atenção. A obra é dividida narrativamente por duas vozes: Nuno, caracterizado como um "mazombo", nome como eram conhecidos os filhos de portugueses nascidos no Brasil e Muana Lomuè, moçambicana que foi capturada juntamente com sua família em Quelimane, centro do comércio de escravos em Moçambique.

O Cais do Valongo foi construído em 1811 como uma estratégia para afastar a visão do tráfico escravagista da elite e do centro da cidade do Rio de Janeiro, dado que os africanos eram vistos como transmissores de doenças e perigosos para a ordem pública. A região portuária era formada por quatro espaços importantes: o Cais do Valongo, o Cemitério dos pretos novos, o Lazareto e a Rua do Valongo, onde ficava localizado o mercado para venda de escravos. Esse espaço é considerado uma das principais portas de entrada de milhares de africanos escravizados no Brasil.

É importante ressaltar o funcionamento do Cemitério dos Pretos Novos e, chamo a atenção para a relação entre a venda de escravos e a existência de um cemitério que, basicamente, servia também, para limitar o espaço de circulação destinado ao comércio escravagista. Com esse objetivo, o Marquês de Lavradio, determina que os pretos novos "sejam imediatamente levados ao sítio do Valongo, onde se conservarão, desde a Pedra da Prainha até a Gamboa e lá se lhes dará saída e se curarão os doentes e enterrarão os mortos, sem poderem, jamais, saírem daquele lugar para esta cidade" (ANRJ¹, códice 70 apud PEREIRA, 2014).

O Cemitério dos pretos novos foi criado em 1722 próximo à Igreja de Santa Rita. Em 1769, ele foi trasladado para o Valongo, com acesso direto ao porto. As práticas inumatórias do cemitério eram bastante

criticadas pelos moradores do entorno e por alguns governantes, mas essas queixas não se davam por causa do comércio escravocrata e sim pela tentativa de afastar da visão da elite carioca os males da escravidão. Os sepultamentos realizados ali se davam de maneira irregular, já que os corpos negros eram amontoados e jogados em valas rasas ou "à flor da terra". O cheiro, também, é um ponto em questão. Em "*O crime do Cais do Valongo*", lê-se e, quase é possível sentir o cheiro do cemitério – "A polícia foi chamada por alguns moradores incomodados com o cheiro" (CRUZ, 2018, p. 12). A narrativa de Eliana Alves Cruz nos dá um panorama de como as práticas fúnebres faziam parte da desumanização dessa população africana.

Outra preocupação era com a saúde pública, questões sanitárias e a prevenção de doenças, já que o cheiro exalado do cemitério era bastante incômodo para aqueles que viviam ao redor. O estudioso João José Reis mostra que o cheiro dos corpos era algo que já incomodava no século XVIII, na Europa, já que "[...] desenvolveu-se uma atitude hostil à proximidade com o moribundo e o morto, que os médicos recomendavam fossem evitados por motivos de saúde pública" (REIS, 2017, p.15). A própria desestrutura denunciava, também, os maus tratos antes e depois da morte de pretos novos. Cruz, em sua narrativa, continua: "Em alguns momentos, tínhamos que fechar as janelas, pois o cheiro ficava opressivo. [...] Um religioso

¹ Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

ficava defronte, rezando em um livro pequeno pelos que se foram (CRUZ, 2018, p.15). Mesmo com a presença da igreja, já vimos que isso não colabora para qualquer traço de respeitabilidade pelas histórias ali jogadas. Ao contrário, é um reforço para o completo caos.

É necessário abordar as distinções encontradas quando se trata da finalização da passagem de vida de um africano. Conhecer as concepções de morte e vida do povo banto, por exemplo, é uma maneira de compreender algumas tradições culturais dos vários outros grupos étnicos que foram trazidos para o Brasil no tráfico transatlântico. As diversas formações culturais dos bantos são embasadas na proximidade familiar, ancestral e na constituição coletiva. Não se vive e se forma só, é preciso viver em coletividade e a vida só tem sentido a partir dessa. Para os bantos, morrer não significa a não-existência, mas a continuação, seja de sua linhagem bem como de sua continuação em outro plano. Dessa feita, há força vital (axé) em outras formas de criação, não somente na humana e é nessa consonância que vida e morte não se confundem e, ao mesmo tempo, não são adversárias, como dito em meio ocidental.

A ancestralidade tem papel fundamental na formação cultural africana. Nesse caso, pensamos na ancestralidade como algo além de parentesco. Aqui, pensamos em ancestrais como mediadores entre os planos espirituais Aiyê (plano

material, o mundo terreno) e o Orun (plano espiritual, mundo sobrenatural). Segundo Oliveira, “a filosofia banto é uma filosofia da energia. Focada mais no movimento que na racionalidade, os bantos dão ênfase ao movimento do ser, não ao ser metafísico. A existência é o movimento da Força Vital” (OLIVEIRA, 2003 apud OLIVEIRA, 2005).

É a partir do movimento que se é criada a força vital e, a mesma, move o ciclo ancestral. Acredita-se, então, que a força vital só pode ser criada coletivamente e pede uma rígida organização que deve ser seguida. Quando esse ciclo, por algum motivo, perde-se, essa energia pode cair no esquecimento. Imaginemos, então, o que ocorre quando uma parte desse ciclo ancestral não tem sua circunferência acertada, como seguir o caminho dos antepassados? Veremos que o ciclo banto não para e assim uma outra formação vital segue em frente.

A palavra *Kalunga* pode ter sentidos distintos para os bantos, entre eles: oceano e morte. Quando tem o sentido de mar, “é um portal entre esses dois mundos [terrestre e espiritual]” (Bunseki Fu-KiAu, 1980). A proximidade de sentido desses termos para esses africanos tinha a ideia do que seria uma “má morte”, uma travessia para o mundo espiritual. Provavelmente, “tornar-se escravo deveria ser cair em desgraça, uma desventura causada por uma diminuição de força” (Pereira, 2014). Bem ao contrário do que seria o “bem

morrer”: estar velho, muitos filhos e cumprir o ciclo. Morrer fora desse contexto seria considerado uma má morte.

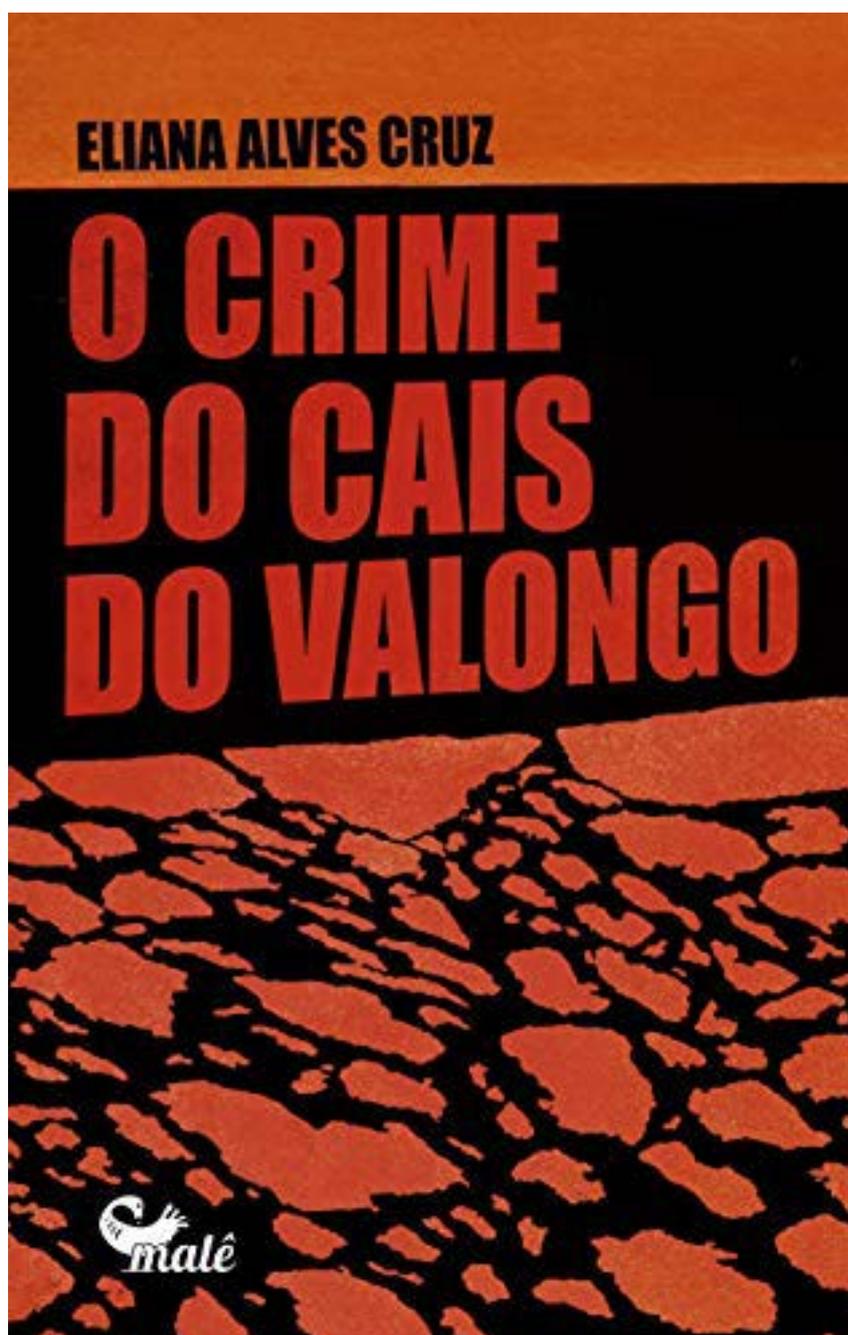
Vida e morte são movimentos distintos que se cruzam em algum momento do nosso ciclo vital. Para os bantos, essa movimentação segue diretamente. No cosmograma, Bunseki Fu-kiau explica como as forças de distintas direções se cruzam, determinando o caminho seguido e o que viria a seguir, assim, “a vida de um ser humano é um contínuo processo de transformação, um ir ao redor e ao redor. *Muntu ye zingu kiândi i madiedie ye n'zûngi a nzila*. O ser humano é *kala-zima-kala*, um ser-vivo-de-vida-e-morte” (Bunseki Fu-KiAu, 1980 apud Santos, 2019).

Tanto as forças verticais quanto horizontais constituem a vida. Essa concepção cósmica entrelaça ancestralidade e morte de modo a estarem em constante processo de transformação. Em “*O crime do Cais do Valongo*”, Muana declara: “Deixe-me lhe contar algo sobre a morte, senhor advogado. Para nós ela não existe. Apenas vamos viver em outro lugar, junto aos ancestrais, mas para isso, precisamos de sepultura digna ou continuaremos vagando aqui, onde não é mais nossa morada, assombrando os vivos e o mundo (CRUZ, 2018, p.138)

Diante dessa narrativa, vimos a importância dos ritos fúnebres na religiosidade banto. Sem eles, a própria vida em comunidade, tão prezada pelos africanos, não é possível. O ente não passa à categoria

de antepassado, seguindo os passos de grandes guerreiros e honrando sua linhagem. Nega-se aos mortos a capacidade de ter sua continuidade preservada, apagando-o da existência. Em *O crime do Cais do Valongo*, Muana, em virtude da quebra do ciclo vital de milhares de africanos, é o elo que vai representar a comunicação entre o meio terrestre e espiritual. É a ela que eles procuram para que não sejam esquecidos e tenham as suas histórias continuadas.

Muana representa nos ciclos bantos a intermediadora de dois tempos e estados: vida e morte, presente e passado. Ela faz parte de uma encruzilhada de diferentes saberes e sistemas simbólicos. A personagem é procurada pelos mortos que buscam paz e a possibilidade de seguirem seu caminho. Como *Exu*, ela transita por esses processos de modo a centralizar e descentralizar o cosmograma circular banto para que a fase não permitida pelo colonizador, bem como os ritos fúnebres africanos e toda a sua simbologia, possam ter sua representação assegurada. A moçambicana vive para levar a continuação a outros e preservar a ancestralidade de distintos povos africanos.



REFERÊNCIAS

CRUZ, Eliana Alves. **O crime do Cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**- UFC. 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.



Vozes erguidas na literatura de Cristiane Sobral

Por Vagner Amaro

Cristiane Sobral é carioca e vive em Brasília. Mãe, multiartista, escritora, atriz e professora de teatro da SEEDF. Bacharel, licenciada em teatro e Mestre em Artes pela UnB. Tem dez livros publicados em diversos gêneros. Em 2019, palestrou sobre literatura em nove universidades nos EUA

e foi jurada do Prêmio Jabuti de literatura, categoria contos, em 2020. Também em 2020, pelo Clubelê lançou a edição exclusiva para assinantes Amar antes que amanheça, que chega agora em sua edição comercial pela editora Malê. Confira a entrevista:



Foto: Thaís Mallon

Revista Mahin. Depois de alguns anos sem lançar um livro de contos inéditos, você lança esse ano, pela Editora Malê, o livro “Amar antes que amanheça.” O que o leitor pode esperar desta coletânea?

Cristiane Sobral. Na obra enveredei por outros caminhos no gênero conto, outras estruturas e temas ainda não experimentados, assim como adensei apostas sensoriais já feitas no campo da palavra e do contato com o leitor. O título do livro é um tecido estendido ao longo das narrativas, como dobraduras, rugas e bordados em torno desse tema, o amor, e da urgência temporal: antes que amanheça. Falar de afeto do ponto de vista da experiência negra nos relacionamentos é um grande desafio.

Revista Mahin. O seu último livro de poemas, “Rainha dos raios”, foi publicado pela Editora Patuá e, recentemente, você fundou a editora Aldeia de palavras. Como você vem avaliando o mercado editorial para a autoria negra?

Cristiane Sobral. O mercado editorial ainda não contempla a diversidade dos autores e temáticas da estética negra, aqui e ali, algumas portas se abrem e confirmam os critérios de exceção na literatura brasileira. Hoje, vendemos bem menos, em uma comparação com Carolina Maria de Jesus, só para citar um exemplo. A visibilidade tem aumentado e precisamos discutir a formação de autores, a profissionalização, a cadeia do livro, os distribuidores, o marketing e as vendas, tudo isso considerando a presença de pessoas negras nessas áreas.

Revista Mahin. Seus primeiros poemas foram publicados nos Cadernos negros, qual a importância da série na sua carreira?

Cristiane Sobral. Cadernos Negros foi o início da caminhada, um espaço importante de formação política e estética na construção da minha trajetória. Ali, conheci e li muitos autores negros, estudei as suas estratégias de composição considerando a experiência negra, algo que não encontrei na academia por exemplo. A cada publicação nos Cadernos, fui escurecendo meus textos, pesquisando a subjetividade, a multidimensionalidade dos personagens, elementos essenciais na construção da minha identidade literária.

Revista Mahin. Um diferencial na sua literatura é que ela é, muitas vezes, um híbrido com o texto teatral, gostaria que você comentasse um pouco sobre como você vai construindo as cenas nos seus contos.

Cristiane Sobral. Os conceitos de tempo, espaço e lugar eu trago para a literatura a partir do teatro. A epifania, o contexto das peripécias, o conflito e o seu adensamento até o clímax também. Ser uma mulher de teatro me ensinou a ousar e desobedecer a estruturas narrativas padronizadas, as cristalizações globais e hollywoodianas do nosso imaginário.

No mundo das artes cênicas percebi, como atriz e dramaturga, a necessidade de construir imaginários, abandonar



Foto: Reprodução



crenças limitantes e julgamentos morais que, muitas vezes, estreitam a capacidade de sonhar, mesmo que seja na ficção. Ainda não estamos livres para criar fora das caixas maniqueístas de certo e errado, o campo mental das pessoas negras e não negras no Brasil ainda precisa ser muito explorado, isso me fascina.

Revista Mahin. Em 2017, você lançou a coletânea de contos “Terra negra”, que me parece um projeto muito bem desenhado de uma visão contemporânea sobre a população negra. Caminhamos para algum dia termos a superação do racismo? Como o racismo aparece na sua poesia?

Cristiane Sobral. Terra Negra é um dos meus livros preferidos, mais maduro e ousado, mergulhei fundo no campo temático

da negritude e das relações raciais brasileiras. O trabalho com o editor Vagner Amaro foi ímpar, poucos editores no país exercem esse lugar de mentoria crítica na produção das obras.

Revista Mahin. Certa vez, você comentou comigo que estava trabalhando numa literatura de anúncio, eu achei isso lindo, principalmente no sentido de inscrever no imaginário social brasileiro outras possibilidades de existência e afetos (interpretação minha). Poderia comentar um pouco sobre o seu projeto literário?

Cristiane Sobral. Anunciar é ir além da resistência, é ocupar territórios. Esperança Garcia, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, esses nomes e outros tantos, contribuem para o meu projeto literário. Quando

escrevemos, a realidade passa a ser inventada. Sou uma mulher negra a escrever e anunciar narrativas, quero viver profissionalmente do meu ofício. Cruzar continentes, encontrar mais leitores, os elos dessa corrente guiada pelas imagens e sensações. Amo meu trabalho!

Revista Mahin. Como é fazer literatura no Brasil de 2021? Questões como a pandemia do covid-19 e o desastre que é o governo Bolsonaro afetam o seu fazer literário. O que mais contamina a sua escrita?

Cristiane Sobral. Os fracassos também são inspiradores. Sou a favor, em certa medida, da contaminação e do caos para gerar a cura ou movimentar os campos. No desespero também criamos, escurecidamente, prefiro criar no prazer, mas é algo que ainda está em perspectiva. A pandemia fechou portas, me levou para um recolhimento, além do isolamento sempre vivido por uma pessoa negra nesse país, tenho encontrado muito material aí e no aquilombamento com os meus irmãos.

Revista Mahin. No livro “Amar antes que amanheça”, me parece que as questões das religiões de matriz africana aparecem com mais intensidade e diversidade. Assim como a presença de uma narradora que conduz mais o leitor (não neutra). Como você tem percebido as mudanças no seu estilo de fazer literatura?

Cristiane Sobral. Estou cada vez mais construindo a minha identidade literária, é isso mesmo que quero fazer e vou fazer o que mais tiver vontade. A literatura é uma das maiores formas de nudez que eu já experimentei na vida, é epifania, é atravessamento. Estou cada vez mais nua para o leitor, ele que entre no campo ficcional e faça as suas escolhas de interpretação.

Revista Mahin. A Revista Mahin é lida por muitas escritoras que sonham em seguir uma carreira literária e você é uma referência para elas. Poderia deixar um conselho para quem sonha em se tornar escritor?

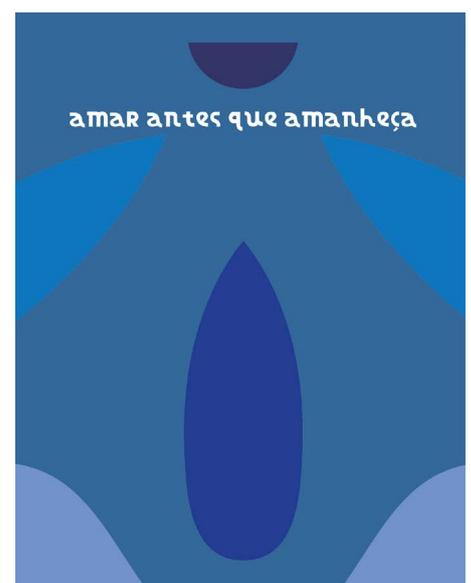
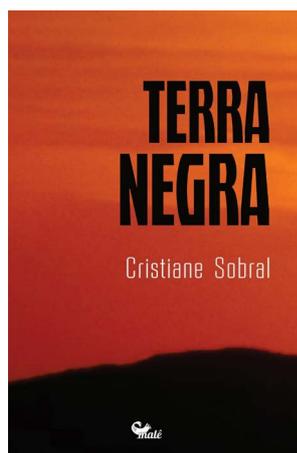
Cristiane Sobral. Exerçam o ofício com amor e coragem. É necessário ler, escrever, ler novamente, pesquisar, melhorar sempre a autoestima e o autocuidado. O tempo é relativo para cada um de nós. Acreditem e continuem no jogo. Cada um tem o seu espaço e destino, assim como o livre-arbítrio. Sejam responsáveis pelos fracassos e êxitos na carreira e continuem escrevendo.

Revista Mahin. Como a literatura (prosa e poesia) podem contribuir para as questões do feminismo negro?

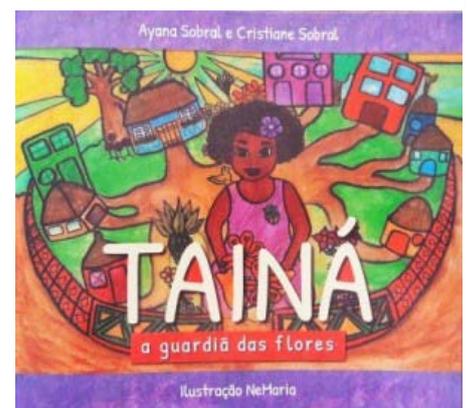
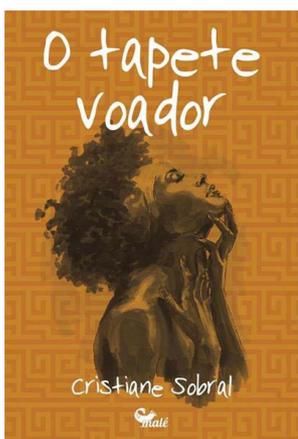
Cristiane Sobral. O reconhecimento de mulheres negras por meio do contato com as trajetórias de outras mulheres negras e suas histórias pode ser um espelho de riqueza e mudança no contexto do feminismo negro. Personagens negras podem anunciar às mulheres negras saídas, opções, contribuir para o refazer das identidades múltiplas. São bálsamos na nossa luta diária.

Revista Mahin. Nestes mais de vinte anos de carreira, poderia citar três momentos que você julga mais especiais?

Cristiane Sobral. A primeira temporada em Angola com a Cia de arte negra Cabeça Feita, que dirigi 17 anos com o espetáculo Petardo, "será que você aguenta", escrito em parceria com Dojival Vieira; O lançamento do meu primeiro livro, "Não vou mais lavar os pratos", poesia, em 2010; O lançamento do livro "Amar antes que amanheça", contos, pela Ed. Malê, obra produzida durante a pandemia da Covid-19.



CRISTIANE SOBRAL



Eu sou

uma princesa!

A potência da literatura negro-brasileira para o público infantojuvenil

Por Janaína Oliveira Caetano, Suzete Araújo Oliveira Gomes e Helena Carla Castro

A exclamação que inicia o título do presente texto, "Eu sou uma princesa!", foi dita por uma garotinha negra de quatro anos de idade após conhecer as narrativas do livro *Omo-Oba: Histórias de princesas*, da professora, dançarina e escritora negra Kiusam de Oliveira, com ilustrações de Josias Marinho.

Na obra, lançada em 2009 pela Mazza Edições, a autora promove o encantamento infantil, em referência à expressão por ela utilizada, a partir da história de seis princesas meninas: Oiá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê Xalugá e Oduduá, as quais se tornaram importantes rainhas para o povo iorubano, assim como para os descendentes de africanos em território brasileiro, e tiveram suas trajetórias contadas e recontadas oralmente ao longo dos tempos.

Diante da fala da pequena princesinha, podemos perceber a potência da literatura negro-brasileira, expressão defendida por Cuti (2010) para

denominar as produções de autores negros que assim se assumem, manifestando em seus textos suas vivências enquanto indivíduo negro e atuando no combate ao racismo. Assim como sua importância para elevar a autoestima de meninos e meninas negras, contribuindo para a construção de sua identidade étnico-racial.

No entanto, o número de obras destinadas ao público infantojuvenil que abordam a temática da cultura africana e/ou afro-brasileira e possuem escrita negra, ainda é bastante limitado, não contemplando a maioria da população brasileira, a qual se autodeclara preta ou parda (56,2%), segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2019.

Eliane Debus (2018), ao realizar uma pesquisa nos catálogos comerciais destinados às crianças e aos jovens de dez editoras (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, FTD, Paulinas,

Salamandra, Scipione, Mazza, Paulus e SM), dos anos de 2008 e 2009, constatou que dos 2.417 livros publicados, somente 171 tinham como tema o negro e/ou as culturas africanas e afro-brasileiras.

Tal cenário reflete o pensamento colonial que, desde sempre, colocou a Europa e suas produções num patamar superior, subalternizando tudo aquilo que fugia a seus padrões, marginalizando e silenciando os saberes ancestrais dos povos africanos e indígenas. Enfim, promovendo um verdadeiro epistemicídio, segundo Sueli Carneiro (2005).

Devido a isso, crescemos ouvindo somente uma única história, aquela contada pelo homem branco europeu e que representa apenas sua visão dos fatos, o que é perigoso, como pontuou Chimamanda Adichie (2013), pois cria estereótipos e destrói a dignidade dos demais povos, impedidos de falar. Nesse sentido, como

destacou Munanga (2015), todas as ideologias que pretendiam impor seu domínio sobre um determinado grupo, buscaram falsificar e destruir suas histórias.

Muitas histórias importam, como diz Adichie (2013). Certamente, teremos uma narrativa bem diferente se começarmos um texto com as flechas dos indígenas ao invés das caravelas dos portugueses. Precisamos ouvir as vozes dos indígenas e dos africanos, conhecer o seu lado da história, contado a partir de seus conhecimentos, valores, costumes e tradições. Somente assim começaremos a desentortar nosso pensamento, como costuma dizer Daniel Munduruku.

E a literatura tem se mostrado um recurso poderoso nesse sentido, sobretudo para os pequenos, que têm, com os livros infantis, suas primeiras experiências de leitura, não só da parte escrita, mas também das ilustrações. Daí a importância de termos obras que contemplem a diversidade da sociedade em que vivemos, com narrativas e imagens positivas. E, mais do que isso, que elas estejam acessíveis a todas as crianças, sobretudo nas escolas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a criança é um sujeito histórico e de direitos que constrói sua identidade a partir das relações e experiências que vivencia no dia-a-dia, com seus pares e com os adultos. A criança não nasce racista, ela reproduz e reinventa o que observa e ouve em suas interações.

Desse modo, se ela tiver a oportunidade de conhecer histórias de princesas africanas, como aquelas contadas por Kiusam de Oliveira, em *Omo Oba*, ou por Sinara Rubia, em *Alafiá, a Princesa Guerreira*; meninos como Nito, de Sônia Rosa, que entendeu que as lágrimas podem rolar em qualquer rosto, inclusive no seu, ou Akin, também de Kiusam, que se descobriu um príncipe com seu black power; viajar nas aventuras de Nana e Nilo, de Renato Nogueira, irmãos que aprendem sobre o ubuntu e o teko porã, sua percepção de mundo será muito mais plural, contribuindo para a formação identitária das que forem negras e para a conscientização, conhecimento, respeito e valorização da cultura negra por aquelas não-negras.

A literatura nos permite viajar sem sair do lugar, emocionar-se, sonhar, rir e chorar. Ela nos inspira e nos mostra como somos fortes e capazes, como em *Olelê: Uma antiga cantiga da África*, de Fábio Simões, em que as crianças do povo que vivem à beira do rio Cassai, na atual República Democrática do Congo, precisam atravessá-lo, sozinhas, durante sua cheia, enfrentando suas correntezas.

Nos faz conhecer e reverenciar nossa ancestralidade, como em *Betina*, de Nilma Lino Gomes, cuja protagonista aprende a arte de trançar os cabelos com sua avó; resgatar a nossa história e a luta daqueles que vieram antes de nós e abriram o caminho, para que hoje, pudéssemos estar aqui,

como em *Bucala: a princesa do quilombo do Cabula*, de Davi Nunes; reconhecer a riqueza e a beleza de nossa pele preta, presente da mãe África, berço da humanidade, como em *Princesas Negras*, de Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles.

Enfim, são infinitas as possibilidades de conhecimento, encantamento, sabedoria, diálogo, compartilhamento e reflexões. Se durante muito tempo os personagens negros na literatura foram caracterizados de forma negativa e estereotipada, muitas vezes sem direito a um nome, sendo-lhes negada sua humanidade, restritos à cozinha ou às favelas, limitados a papéis secundários, representações que nenhuma criança negra gostaria de estar vinculada, hoje eles nos entusiasmam, nos fazem ter orgulho de nossa pele preta, dos cabelos crespos, de nosso passado.

O livro de literatura negro-brasileira se transforma num espelho mágico, no qual meninos e meninas pretas se olham e têm a satisfação de se reconhecerem em personagens fortes, potentes, conscientes de seu pertencimento étnico-racial, de suas raízes, inseridos em famílias onde encontram amor e carinho. Personagens que retratam o protagonismo e a agência que nós, homens e mulheres pretos, sempre tivemos.

Assim, esperamos que muitas outras histórias negras continuem sendo escritas para que os meninos e meninas pretos desse reino chamado Brasil descubram sua majestade. Adupé!



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. **Por dentro da África**, 2013. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-perigo-de-uma-historia-unica-por-chimamanda-adichie>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CONHEÇA o Brasil – População Cor ou Raça. **IBGE Educa**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em 15 de junho de 2021.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrado por Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

NOGUERA, Renato. **Nana & Nilo na cidade verde**. Ilustrado por Sandro Lopes. Rio de Janeiro: Chave, 2018.

NUNES, Davi. **Bucala: a princesa do quilombo do Cabula**. Ilustrado por Daniel Santana. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2015.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-oba: histórias de princesas**. Ilustrado por Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

_____. **O black power de Akin**. Ilustrado por Rodrigo Andrade. São Paulo: Editora Cultura, 2020.

ROSA, Sônia. **O menino Nito**. Ilustrado por Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

RÚBIA, Sinara. **Alafá, a Princesa Guerreira**. Ilustrado por Valéria Felipe. Rio de Janeiro: Nia Produções Literárias, 2019.

SIMÕES, Fábio. **Olelê: Uma antiga cantiga da África**. Ilustrado por Marília Pirillo. Coordenado por Heloisa Pires Lima. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

SOUZA, Edileuza Penha de; MEIRELES, Ariane Celestino. **Princesas Negras**. Ilustrado por Juba Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019.

Resenha

O mar que banha a ilha de Goré de Kiusam de Oliveria

Por Professora M.a.Danúbia Jorge da Silva

Ler literatura é realizar uma verdadeira imersão na cultura e na história. No encontro com textos, temos a possibilidade de ampliar e enriquecer nossa própria experiência de vida. *O mar que banha a Ilha de Goré* é uma obra da autora Kiusam de Oliveira, que tem se dedicado a promover uma literatura que represente as crianças negras brasileiras, as quais, durante muitas décadas, foram invisibilizadas pela literatura infanto-juvenil. As ilustrações são de Taisa Borges e o livro foi publicado em 2014 pela editora Peirópolis.

Carlos Moore, etnólogo cubano, assina o prefácio com palavras potentes, que nos levam a refletir sobre como o texto literário é um forte aliado na superação de representações negativas e racistas. A obra é dividida em quatro capítulos: O mar (ancoragem), O baobá (acolhida), O tambor (sabedoria) e O apito (despedida). A menina Kika, uma brasileira de 10 anos, faz uma viagem até a Ilha de Goré, um dos pontos turísticos mais procurados do Senegal e símbolo histórico da escravização

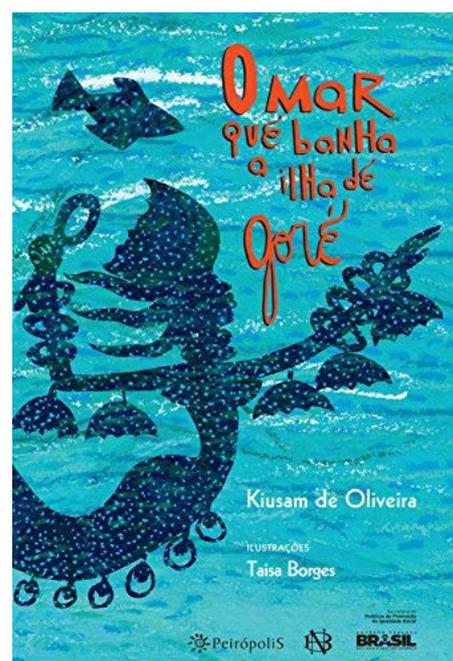
africana. Trata-se de uma viagem de retorno, pelos homens, mulheres e crianças que dali saíram e jamais tiveram a oportunidade de regressar. Na ilha, Kika encontra a mãe mar, que a recebe em uma África sábia, musical e cheia de memórias.

A viagem da menina é uma busca pela própria ancestralidade. Para entendermos um pouco mais sobre esse conceito, podemos recorrer ao pássaro Sankofa, um dos símbolos mais difundidos do povo Akan. Sankofa representa a necessidade de aprender com o passado para construir o presente e o futuro, por isso, possui uma cabeça voltada para frente e outra voltada para trás.

Se a escrita de *O mar que banha a ilha de Goré* apresenta grande valor estético, o mesmo ocorre com o texto visual. A partir da ilustração, pode-se desenvolver leitores com um olhar crítico em relação à massificação de imagens estereotipadas que inundam as redes sociais. A ilustradora Taisa Borges age como mediadora, ou seja, cria possibilidades de

leitura e auxilia os pequenos leitores a perceberem as nuances do texto que poderiam passar despercebidas.

Na escola, durante toda a educação básica, é preciso favorecer o contato com narrativas diversas para um alargamento da compreensão do mundo e do outro. Levar obras como *O mar que banha a ilha de Goré* para a sala de aula é fundamental para a construção de um currículo escolar pluriversal e antirracista.





O que se come em Torto Arado

Por Rodolfo Teixeira Alves

Em *Torto Arado*, romance sucesso de Itamar Vieira Junior, a terra, como todos os seus sinônimos (chão, terreno, terreiro, barro, etc), é um elemento fundamental na construção narrativa da comunidade quilombola de Água Negra. Tão importante é a importância que, em muitos momentos, pessoas e terra se confundem. A terra, em suas variadas formas, aparece no romance mais como personagem do que como cenário onde se desdobram as histórias de vida daquela comunidade imaginada, embora tão real em suas lutas, resistências e encantaria.

As passagens memoráveis do livro são aquelas em que a

narrativa ressalta a inseparabilidade entre pessoas-terra. Esse entre, aliás, é o espaço cosmológico da própria vida. Não são poucas as partes do texto que corpo metaforiza terra, e vice versa. A casa feita de barro, corroída pelo tempo, deixando amostra as madeiras como ossos, que nas palavras da narradora, projeta a imagem do corpo do pai que "... declinava como as paredes da casa que se desfazia". Como a parede feita de barro que ao se desfazer, vira terra de novo, assim é o ciclo vital dos personagens de *Torto Arado*. O corpo que ao nascer entrega os restos do parto e o umbigo ao quintal, onde se faz roça para colher

os alimentos, regados com trabalho e suor, às vezes sangue, deixando as mãos calejadas e rugas na pele, o corpo arqueado, para ser enterrado, no fim, como morto.

A terra não é algo exterior aos personagens por não haver uma rígida separação ontológica entre pessoa e ambiente. Viver é, assim, um ato de estreitamento constante com a terra, do começo ao fim da vida. A terra, em suas variadas formas, conforme dá o que comer, também come. Seja no chão que se habita ou caminha, no terreno do quintal, onde se capina e faz coivara para plantar, ou no terreiro, onde se exerce o sagrado

e no cemitério que recebe os mortos, a terra é apresentada como elemento central que faz o mundo construído em *Torto Arado* girar. A terra é parideira nos devaneios utópicos do personagem Severo.

Dos muitos temas que *Torto Arado* apresenta, gostaria de destacar neste ensaio a relação imanente entre personagens e terra para falar de práticas alimentares na obra. Deixo de lado, de maneira consciente, as inúmeras violências das relações patronais, baseadas na exploração e vilipêndio do trabalho do povoado de Água Negra, que tem destaque no romance. Deixo de lado, também, as práticas de resistência dessa comunidade quilombola, que encontra forças para lutar pela terra na organização coletiva e na espiritualidade ancestral. Como um antropólogo pesquisador dos hábitos alimentares contemporâneos, li o romance atento aos alimentos e suas formas de produção, aos modos de preparo e às funções atribuídas, em como eles mediam relações sociais. Talvez, este não seja um dos temas mais importantes do livro, assumo. Mas, creio que uma atenção a essa relação íntima entre pessoa e terra pode nos ensinar muito sobre alimentação, o que comemos e como comemos, levando-nos a pensar a procedência dos alimentos que colocamos em nosso prato. Não que as irmãs Bibiana e Belonísia, Donana ou o velho Zeca Chapéu Grande, com suas vidas fictícias, narradas por Itamar Vieira Junior com certo realismo tão característico na literatura brasileira, estejam nos convidando a plantar o que comer. Não é isso. Acredito que *Torto Arado* ensina na medida em que nos faz imaginar e imergir em uma realidade outra - não surreal, mas um real possível. Sua capacidade pedagógica reside

no ato de nos fazer refletir, pela alteridade, sobre como nos relacionamos com os alimentos e com o ambiente.

Os hábitos alimentares de *Torto Arado* não têm nada de especial. Quero dizer, nada que seja distante do que conhecemos e experimentamos cotidianamente, a depender da região em que vivemos. A dieta alimentar é composta de peixe, arroz, azeite de dendê, charque, mandioca, batata doce, inhame, quiabo, abóbora, beiju, milho, feijão, etc. O caráter socializante da comida e da bebida, expressão simbólica de como nos alimentamos, está representado nos festejos e reuniões, nas galinhas do quintal mortas para o "almoço farto" em recepção às visitas (é de bom tom, como manda a moral de nossa etiqueta popular, receber pessoas em nossa casa com comida na mesa).

Se não existe nada de especial nos alimentos narrados em *Torto Arado*, é na forma de produção deles, da relação íntima dos personagens com a terra, que encontramos a possibilidade de refletir sobre como nos relacionamos com o que comemos. Ao longo do romance, somos colocados diante dessa experiência imanente com terra e um envolvimento intenso com o ambiente em volta, com os alimentos disponíveis sob outro regime de obtenção, seja pelo cultivo, pela pesca, pela criação de animais, ou pela troca entre indivíduos e famílias, que estreitam parentescos e afinidades. Essa ilusória simplicidade da vida no campo, que tanto encanta o imaginário das pessoas exaustas com a vida nos grandes centros urbanos, revela-se em uma complexa relação com o ambiente. Com a terra que se faz lavoura, do rio que se tira os peixes, do mato onde se colhe frutos, que exige sabedoria sofisticada de observar o céu e a

lua, para tirar conclusões sobre a chuva e melhores condições para o plantio.

Nós, cidadãos comuns, que vivemos nos grandes centros urbanos, tão habituados a fazer mercado ou pedir nossos alimentos por aplicativos, talvez, nos espante ler que os alimentos em *Torto Arado* acompanham os ciclos da vida dos personagens. Para nós, que colhemos nossos alimentos em prateleiras, seja nas lojas com seus encartes promocionais ou nos "apps" que prometem facilitar nossa vida em troca de taxas de serviço, pouco nos preocupa a procedência do que comemos. Se procedem da circulação global de alimentos ou se vêm da distribuição interna da indústria do agronegócio que, em geral, nos condicionam à alimentos ultraprocessados, vegetais cheios de agrotóxicos e carnes com antibióticos, tanto faz se supre a necessidade das nossas receitas. Nesse tipo de relação, mediada pela compra, não ter o que comer não vem dos períodos da seca narrados pelo livro, mas da falta de dinheiro e políticas de distribuição de alimentos. É o que vemos hoje nos jornais, quando a insegurança alimentar voltou a ser pauta.

Tonha, personagem de *Torto Arado*, consciente de economia doméstica, bem definiu a vida na cidade: "Pra viver na cidade precisa de dinheiro pra tudo. Uma cebola, dinheiro. Um tempero, dinheiro". E, talvez, por isso que *Torto Arado*, com aquela paisagem encantada, com sua dinâmica de produção alimentar, apresente-se tão distante para nós, orgulhosos cidadãos, que temos comida pronta na palma das mãos em questão de minutos, dois clicks e uma taxa de entrega, no "app" que tem nosso cartão e endereço cadastrado. Nós que avaliamos a comida considerando

TORTO ARADO

ITAMAR
VIEIRA
JUNIOR



a rapidez, a temperatura entregue, o entregador, que atribuímos uma nota ao sabor da comida que nos foi entregue pronta. Para nós, cidadãos urbanos médios, tão preocupados com a rapidez dos processos, plantar e colher o próprio alimento no quintal, ou pescar o peixe molé que será preparado no dendê, como a Salustina se propôs a fazer, seja perda de tempo. Ou um prazer momentâneo de final de semana, que contratamos em uma agência de viagem para viver essa experiência em algum lugar longe de casa.

Para alguns de nós, urbanos, caracterizado por mim nos limites no último parágrafo, essa dinâmica de produção e os alimentos de *Torto Arado* também podem ser coisas especiais. Afinal, os alimentos orgânicos vêm crescendo como opção (mais cara), inclusive, oferecidos por empresas que sempre nos enchem de veneno. Entenderam, é claro, a tendência do mercado. Tendência que, como mostra o jornalista Rafael Tonon em seu último livro, *As revoluções da comida* (Todavia, 2021), vem ganhando adeptos entre as

classes médias urbanas, cada vez mais preocupados com as origens dos alimentos que colocam no prato. Ou como ressaltam os trabalhos da antropóloga Renata Menasche, chamando à atenção para o crescente interesse em produtos locais e artesanais. A oferta desses produtos, vale dizer, nem sempre vêm da indústria do agronegócio aproveitando a tendência. Há muitos projetos e iniciativas de movimentos sociais que intermediam a relação entre pequenos agricultores e consumidores desses produtos nos centros urbanos.

Os alimentos que tratamos como especiais e nos relacionamos como um estilo de vida e consumo, reservando a eles status diferenciado no mercado alimentício, em *Torto Arado*, é o alimento cotidiano que se retira do quintal ou do rio próximo de casa. A proximidade é um fator importante. O que tem de especial na narrativa criada por Itamar Vieira Junior, no seu aspecto alimentar, não é o alimento em si, e sim a relação que se tem com a terra. É ela que, em sua literalidade, sustenta a vida. A convivência é com a terra e com seus frutos, os alimentos se apresentam como parte dessa paisagem encantada por sabedorias ancestrais, conforme produzidos e coletados de acordo com a observação dos movimentos do vento, do céu e da lua, dos tempos de chuva. Da terra, tira-se as ervas que se macera e faz chás, como as raízes que é feito o xarope, que servem para a cura das enfermidades físicas e espirituais. Para terra, dá-se os restos do parto e o umbigo ao nascer, o suor do trabalho diário, exaustivo, para ter o que comer. A ela se entrega o esquife, enterrado, como um retorno ao útero da terra parideira.

E nós, apaixonados leitores de *Torto Arado*, o que estamos dando à terra?

A liberdade do avesso

Por Amanda Lourenço

Se fosse possível utilizar uma única palavra para definir uma obra literária, o vocábulo *liberdade*, sem dúvida alguma, seria o mais indicado para rotular a obra “Livro do avesso: o pensamento de Edite” – objeto de análise desta resenha. Obviamente, nenhum termo é capaz de abarcar toda a complexidade de um texto literário, especialmente no caso do livro mencionado. Entretanto, a palavra em questão foi escolhida, porque mostra uma sensação recorrente durante a experiência de leitura do romance de Elisa Lucinda, publicado em 2019.

Na obra, que é composta por 113 pensamentos-capítulos, Lucinda traz uma proposta interessante para a literatura brasileira ao elaborar um romance introspectivo, no qual coloca o leitor diante da camada mais profunda da subjetividade: o pensamento. Aliás, o título do romance é pertinente, porque evidencia o que se passa dentro do livro: o avesso é aquilo que ninguém vê, que fica escondido; a obra representa, justamente, a subversão daquilo que se oculta. Para isso, o romance se estrutura em capítulos curtos (alguns não chegam a ter nem uma folha inteira), nos quais adentramos os sentimentos mais profundos da narradora e personagem Edite, que também é a protagonista do romance.

Essa profundidade acerca dos pensamentos de Edite se intensifica mais ao longo da leitura ao nos depararmos com Ditinha, a menina que habita em Edite, e a Voz, que frequentemente dialoga com a protagonista. Enfatizo que, tanto Ditinha quanto a Voz não são personagens diferentes, mas leio-as como camadas da per-

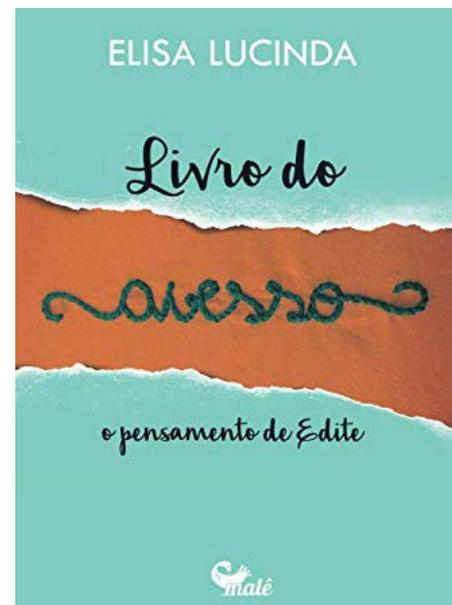
sonagem principal. É justamente a presença dessas camadas que torna a obra ricamente complexa: os questionamentos feitos pela voz, por exemplo, intensificam as reflexões da protagonista. E mais: aproximam o leitor, porque promovem uma identificação com os nossos próprios momentos de reflexão. Aliás, quanto a isso, Edite diz que a reflexão é o chão da sua cabeça, do seu pensamento.

Outro elemento que atrai o leitor para o texto, permitindo que a leitura seja agradável e fluida, é a liberdade formal existente na obra. O uso de expressões coloquiais e de períodos curtos possibilita que o texto fique mais próximo à fala, como se Edite estivesse ao lado do leitor contando sobre as suas reflexões. Além disso, esses aspectos também contribuem para a construção de um fluxo de consciência na narrativa, isto é, para que o leitor se sinta dentro dos pensamentos da personagem, inclusive durante as suas bruscas mudanças de assunto, que ocorrem, tal qual a realidade, sem nenhum tipo de aviso: simplesmente seguem o fluxo contínuo do raciocínio.

Também é válido destacar que a liberdade da obra também reside nos temas por ela abordados. O livro explora a amplitude humana ao retratar diversos aspectos da existência como a afetividade, a memória, a sexualidade, as angústias e as saudades, por exemplo. Ressalto que, além dessas questões, é notória a presença de reflexões que norteiam a subjetividade de mulheres negras e esse é um movimento fundamental dentro da literatura, porque retira essas mulheres do lugar do estereótipo – que, aliás, Edite crítica e

confronta em algumas passagens do romance. Ainda que trabalhe com uma pluralidade de temas – quer sejam prazerosos, quer sejam dolorosos –, Elisa Lucinda insere o humor de forma muito interessante: assim como os assuntos mudam de maneira inesperada, as tiradas engraçadas de Edite acontecem da mesma forma. Isso torna a leitura mais interessante e leve até mesmo nos assuntos mais desconfortáveis.

“O livro do avesso: o pensamento de Edite” é o tipo de obra que te faz rir da vida, mas também refletir sobre ela, porque o avesso da protagonista toca o avesso de cada leitor. Por isso, trata-se de uma leitura fundamental – tanto para os fãs da literatura produzida por Lucinda, quanto para os que desejam conhecer a sua obra. Quando se falou na introdução sobre liberdade, foi porque ela não está apenas na forma e na temática do romance, mas principalmente na coragem de libertar e expor ao mundo aquilo que nos faz humanos: a nossa capacidade de sentir, pensar e amar com todas as nossas fragilidades.



Contos Inéditos

DESENCONTROS

Deivide Almeida Ávila

Deivide Almeida Ávila, sanjoanense, graduado em Música pela UFSJ (Universidade Federal de São João del Rei) e Graduado em Letras pelo IF Sudeste MG – Campus São João del Rei, Mestrando em Letras pela UFSJ (Universidade Federal de São João del Rei).

Abi era uma menina jeitosa, perspicaz, amorosa que ela só. Nada faltava nessa vida desordenada, nem farinha, nem afeto. Ah! A farinha era sua alegria de viver, sua segunda existência, porque a primeira era sua avó Aduke – uma doce senhora de poucos cabelos brancos enroscados aos pretos e guardados sobre um lenço colorido cheio de rabiscos estranhos, mas que eram decifrados pela velha.

Ainda eram 3 horas da madrugada quando vó Adu, assim chamada pela neta, despertou de um sono quase que acordado para arrumar suas poucas tralhas para a viagem. Em duas médias sacolas de retalhos, costuradas por ela mesma, coube o necessário para abastecer suas necessidades e de sua neta, ou melhor, couberam algumas roupas em retalhos e algumas coisas para comerem.

Depois de mais de 1 hora e quase 06 minutos andando a passos largos, contando com as pequenas pausas para trocar a menina de ombro e cambiar com as sacolas, vó Adu chegou à beira da estrada e, aguardando por rápidos 4 minutos, cravados pelos passarinhos que já passavam em revoadas pelo alvorecer, entrou no ônibus, acomodou Abi no último assento do lado esquerdo do corredor, que ainda dormia e voltou para perguntar ao motorista sobre o itinerário que deveriam fazer até chegar à capital. Seriam 3 horas e meia até chegarem à Vila de São Francisco e, de lá até a cidadezinha de São João Batista, mais 5 horas, até à capital, mais....

Foi quando a conversa de vó Adu foi interrompida pelo chamado da neta. No mesmo instante, Aduke achegou-se à criança e lhe serviu um pouco de farinha torrada de fubá misturada com um pouco de açúcar, acompanhada por uma bebida de cor esverdeada, que ainda estava morna, pois a senhora a colocara numa garrafa plástica, enrolada em papel e numa blusa furada.

— Vó Adu?
— Oi, minha filha!
— Hoje que a gente vai pra capital?
— Sim, agora mesmo, e já

chegaremos para ver Imani.

— Me conte sobre ela, vó?

— Imani era uma princesa no vilarejo, linda, com tranças agarradas no couro cabeludo, sempre ajeitadas. O sonho dela era de estudar e ter um bom emprego para ter sua casa com um jardim e uma família linda. Imani adorava flores, principalmente as perfumadas. A princesa se casou com Luiz, um rapaz das redondezas e tiveram uma filhinha, uma boneca linda feito você.

Num ano de difícil vida, Luiz prometeu a Imani que sairia para trabalhar e trazer o melhor para ela e seu bebê. Ela o esperou até que a criança nascesse e nada dele voltar. Nada chegava em resposta, para a agonizante espera de Imani, que também foi embora para a capital, em busca de melhores condições para se viver e, quem sabe, reencontrar seu amado.

— Exatamente hoje, minha filha, completam cinco anos que Imani se foi e nunca mais voltou, mas vamos encontrar com ela lá na Estação da Alegria.

Dona Aduke, no alto de seus 74 anos, já estava cansa-

da das pejejas da vida. Viera de uma fazenda aos arredores da Bahia, onde esteve com sua mãe como empregada de um dito Senhor

Já passava do horário previsto quando o ônibus chegou ao primeiro destino e, o outro ônibus, em direção ao segundo, já estava de saída. Vó Adu pegou seus pertences, agarrou a neta no colo e correu para entrar no transporte. Bufando, a velha sentou ao lado de Abidemi e serviram-se de um pedaço de broa, amarelinha, enrolada na folha de bananeira queimada, coberta por um saco plástico amarelado, com um pouco da bebida verde, agora, fria.

A criança cochilava enquanto a avó acariciava sua cabeça e relutava contra pensamentos inesperados, que vinham de tempo em tempo. Tempos bons, tempos ruins, épocas de solidão reclusas em seus desejos e gritos por vontades. Anseio de viver a vida, de comer, beber, tomar banho de rio na solidão do eu, sem olhares avulsos que não fossem da natureza, vagar pelo campo sem precedentes, sair por aí sem responsabilidades do que fazer. Mas, a vida não lhe deu essa oportunidade, fora filha somente de mãe, empregada em fazendas de senhores do café e fora, também, empregada dos filhos desses senhores.

Dona Aduke teve pouco contato com sua mãe, pois a deixou com apenas 9 anos, quando morava numa fazenda

chamada Rio Preto. Lugar também memorável, foi nessa fazenda que a jovem, nos altos de seus 17 anos, enamorou-se de Raimundo e engravidou da menina Imani. Raimundo também era empregado na tal fazenda. Ao saber da suposta gravidez do casal, seu patrão os enxotaram da fazenda e o casal se pôs a caminho da Vila dos Retirados, uma comunidade de pretos, fundada por escravos em anos bem passados.

Imani nasceu na tal Vila quando Raimundo, seu pai, viu-se obrigado a buscar trabalho para dar melhor condição de sobrevivência à sua família. Mas, Raimundo nunca mais deu notícia, fez o caminho de ida sem volta.

Esse também foi o destino de Luiz, que foi para nunca mais voltar. Mas, Imani prometeu para si mesma, para a mãe e para a filha que encontraria o marido e voltariam para buscá-las.

De um último recado para mãe que Imani deixou, por volta de 7 meses atrás, com o motorista do ônibus, que passava a cada 15 dias na estrada, a filha disse que estava bem e que em breve voltaria para buscá-las, pois se encontrava bem e que estava por perto da Estação da Alegria, na capital.

Só esse recado passado a D. Aduke foi o suficiente para que ela tomasse a decisão de ir ao encalço da filha para deixar a neta, pois já não se sentia forte o suficiente para cuidar da criança e não tinha certeza

se sobreviveria para ver a neta criada. Aduke estava cansada, trabalhava na fazenda desde o ventre de sua mãe. Assumiu a responsabilidade e o amor de cuidar sozinha da filha e depois da neta. Plantava horta para subsistência. Andava quilômetros para vender suas rosquinhas de farinha assadas em forno de cupim. Primitivamente, vivia em casa de pau a pique e à luz de querosene, lá pros lados do agreste nordestino.

Passou-se um dia, uma noite, amanheceu e se passaram mais um dia e mais uma noite, e passaram-se às horas até que, enfim, chegaram ao destino, chegaram à capital.

— Ainda bem! — respirou profundamente D. Aduke.

— Venha, Abi, minha filha.

D. Aduke agarrara a mão da neta e abre a porta do ônibus com os olhos saltando da cara de ver tanta gente, tanto movimento.

— Vó Adu, já vamos ver a princesa Imani?

— Sim, minha filha! — disse a velha à criança, que também estava assustada por tanta visão frente a seus olhos.

— Não solte minha mão, Abi, vamos até ali....

Já escurecendo, por volta de umas 20h35min, vó Adu deu alguns passos na estação rodoviária e de lá não conseguiu sair. Agarrou Abi no colo, a apertou contra seu corpo e localizou um canto para passarem encolhidas essa, ou talvez, algumas noites.

Ariele Santos é uma mulher preta, escritora, estudante de Letras e tricoteira. Para ela, escrever é uma forma de humanizar corpos subalternos e expressar vivências suas e de outros.

O menino voador corria pelo morro todos os dias de camiseta vermelha, short velho e surrado e o cabelo sempre bem raspado, com desenhos na lateral, que o tio fazia. A mãe sempre prezava pelo corte mais asseado para evitar os piolhos, que sempre estavam nas cabeças da criançada do bairro.

“O menino voador”, assim era chamado pelos vizinhos que sempre o viam correndo atrás da bola, brincando com os cachorros, com os amigos, procurando a pipa, indo encontrar com mãe e, mesmo pequeno, já dividia com ela o peso das sacolas pesadas quando a mulher chegava com a compra do mês.

O menino pretinho, magrinho, tinha a voz doce, mesmo aos 10 anos, parecia ter 7 e mãe, por vezes, o pegava no colo e dizia: “Meu menino doce, meu doce menino!”. Ele deixava que ela fizesse isso apenas quando estavam somente os dois em casa, longe dos outros garotos, para não passar vergonha. Mas, no fundo, ele gostava era do afeto, torcia para mãe chegar logo, torcia para que ela simplesmente chegasse e nunca desaparecesse.

À noite, ele falava a oração ensinada pela avó, que há muito tempo, tinha ido pro céu, ele decorou as palavras que a velha repetia com ele todas as noites e, em seu peito, era como se ela ainda estivesse ali, dormia tranquilo e contente, ela o visitava em seus sonhos.

O menino conhecia todo o morro, todas as pessoas, saía cedo para escola, ficava por lá o dia todo, no fim da tarde, descia e ia encontrar com a mãe no ponto. Ninguém mexia com ele, todo mundo o protegia, todo mundo ajudava aquela família de dois, que ascendia mesmo com tantas dificuldades. O menino lia livros que ninguém mais conhecia, a mãe retirava do salário um pouco para montar para ele uma biblioteca. Na escola, ele era educado, gentil, amigo, também era bailarino, ele voava com delicadeza, enquanto fazia uma de suas piruetas.

História engraçada a das piruetas, ele custou a aprendê-las, caía sempre, perdia o equilíbrio e ficava zozinho. Perdeu partidas de futebol na rua para ficar treinando e, enfim, um dia, conseguiu e nunca mais parou. Era seu passo preferido, ele sabia bem do que gostava: um passe de bola, uma pirueta, correr morro acima e morro abaixo. Ícaro gostava de ser livre.

De braços abertos em cima do morro, imaginava asas em seus braços, como se ele fosse o seu irmão de nome da mitologia grega. O menino doce sorria nestes momentos e sentia o gosto do vento.

E um dia, correndo pelo morro num sábado, sem escola, indo encontrar sua mãe no ponto do ônibus, de fato voou.

Rasgaram-se todas as roupas do menino. Neste dia, em

que estava com a roupa bonita de sair: camisa branca, bermuda amarela, um sapatinho que era uma mistura de tênis e sapatilha, o cabelo bem cortado.

Ícaro conhecia bem certas histórias, de lugares bem perto dali, no porto, onde, há muitos anos atrás, homens e mulheres como ele, eram depositados como entulho, achava que era história antiga, mas que nada.

O menino voador, de olhos ainda bem abertos, via o céu ao ser carregado. Sentia o peito encher rapidamente e queimava-lhe na mesma medida, sabia bem o que era aquilo. Da mesma forma que sabia as histórias dos livros, ele sabia qual era o som do tiro e o cheiro da pólvora. Mas, onde é que estavam indo? Seu corpo magro ia perdendo a força, o balanço de ser carregado por aqueles homens, não era o mesmo de quando balançava nos braços de sua mãe. E a mãe, já teria descido do ônibus?

O menino, de repente, já não fitava mais o céu. O corpo pretinho e magrinho desapareceu.

Do alto do morro ou do céu — não sabia ao certo, só sabia que via do alto — Ícaro voava. Perto do Sol e, ao mesmo tempo, do próprio chão, ele adquiriu suas asas. O menino doce, o doce menino, visitaria a mãe nos sonhos dela.

Bruna Santiago é mãe, mulher negra, historiadora e professora. Nas redes sociais através do instagram (@leituraspretas) trabalha com o objetivo de apresentar diversos conteúdos propostos por intelectuais negros/as.

Era dia e toda a cidade parecia cada vez mais desinteressante. Gostava mais da noite, o menor fluxo de pessoas, o silêncio das madrugadas, até andar pelas ruas à noite, ela preferia, pois a ausência de luz disfarçava seus olhos inchados e sua terrível melancolia.

Ananda se torturava diariamente, sem precisar fazer muito esforço, precisava apenas lembrar algo e a dor surgia. Ela sentia uma profunda revolta por possuir tantas memórias de dores, de um passado ancestral que aprendeu nas aulas de história, que sempre falavam em dor e tortura, histórias essas que renovavam em meio à sala de aula sua angústia e dores, memórias de um passado recente tão angustiante quanto o de suas ancestrais. E, pensava, será que isso não vai ter fim?

Acreditava que, se não lembrasse, não pesquisasse, não soubesse, não doeria, mas a maldita memória não nos dá essa escolha e ela seguia se torturando, unindo as dores do passado com o presente difícil, de violência e pouco amor. Aprendeu a seguir sem fazer questão de sonhar ou desejar muita coisa, seu único desejo era esquecer as dores marcadas em sua pele e, essa obsessão por esquecer um passado/presente, não permitia que ela desejasse um futuro. Ananda era uma menina sem desejos, ou assim pensava ser.

Acordou cedo, tomou algumas cervejas no almoço e andou sem rumo, meio sem saber para onde. Confusa como sempre, esperando encontrar algo ou alguém. Caminhou longos e intermináveis minutos com a cabeça baixa para que seus olhos cerrados não fossem vistos por todas as pessoas que iam e vinham, andou e andou. Encontrou um lago e sentou, abriu seu livro e chorou, a história doía até seus ossos, de tão profundas que penetravam aquelas palavras, aqueles personagens tão sem rumo e tão fodidos quanto ela, perdidos em inúmeros becos de memórias tão violentas quanto as suas, mas focando em alguns personagens, ela pensava que, ao menos, o final triste e desgraçado deles havia chegado, o dela, não.

Ananda, sem querer, percebeu que sabia desejar, sentiu um alívio e respirou fundo, desejava o fim daquilo tudo, seu desejo era um descanso profundo, talvez, o seu desejo estivesse no fundo daquele lago em que a natureza, com seu encantamento, convidava-a para o fundo, o fim; talvez, buscasse um final menos covarde, talvez, a vida pudesse lhe pregar uma peça e encerrar tudo aquilo, de uma forma fatal como dos personagens dos livros. Era triste perceber que desejava tão pouco, só queria o fim.

Deitou na grama olhando para o céu e as lágrimas escor-

riam, secando no próprio rosto. O céu estava lindo e ela desejou voar como aqueles pássaros de uma ponta a outra e riu de sua bobeira. Pensou ainda em como seria bom ser aquele peixe que logo sumiria dali, mas que tinha a liberdade de viver livremente dentro do rio, sorriu novamente dos seus desejos bobos: de ser terra, ser água, ser pássaro... Só não ser gente.

Fechou o livro e navegou, não no desejado rio, mas nas redes sociais, curtidas, corações, fotos do belo lago, "matches" e ninguém precisaria ver seus olhos inchados de um choro que até ela mesma questionava se tinha razão de ser. Rolou na grama e esqueceu o rio, deslizando os dedos sobre a tela do celular, e uma foto fez com que ela desejasse deslizar seus dedos naquela imagem que se materializava na tela... Match? Quatro fotos apareciam: uma do sorriso, outra dos olhos e duas de plantas e paisagens. Um quebra-cabeça interessante que ela queria montar, pensou se aquele perfil seria um enigma.

Desejou deslizar os dedos naquele sorriso... E percebeu que desejou algo distante, mas deu "match"! Correspondido.

Aquela passagem ganha outra conotação quando uma mensagem é enviada com um "oi" e, assim, durante alguns minutos, viu-se próxima a encontrar o seu quebra-cabeça que sorria. Lembrou-se dos olhos, do

sorriso, do pôr do sol, das plantas e queria juntar cada pedacinho disso. O convite surgiu e era logo ali, uma cerveja, quem sabe, por que não?

Rolou na grama, sentiu algum inseto lhe picar e ignorou. E algo que poucas vezes acontecia, foi percebido, ela estava desejando algo além da dor. Desejando algo que, talvez, se materializasse além do "match" e dos olhos sorrisos na tela.

Sem saber o que esperar do encontro e de si, decidiu que iria, era só caminhar mais um pouco e seria só uma cerveja e, com isso, a oportunidade de saber se era real o seu quebra cabeça que visualizou na tela do celular. Caminhou com a boca seca, apesar de já ter bebido bastante naquele dia, pensava com a mesma intensidade na cerveja e no seu quebra cabeça de olhos e sorrisos bonitos... Foi.

O código do encontro era exatamente este: blusa amarela, turbante branco e o sorriso da foto. Ananda? Ah, não se deu o trabalho de se descrever, nem saberia se quisesse. O que poderia dizer além de: pele marrom, 1.58 e olhos tristes? Preferiu dizer que estava a caminho, logo chegaria e, em breve, acharia o sorriso. Ela tinha certeza que acharia.

Entrou num barzinho onde foi marcado o lugar, estava desejando aquele encontro, curiosidade mais que qualquer coisa, e viu. A blusa amarela contrastava com aquela pele preta, cor de avelã que parecia tão doce, tão pura e passou alguns momentos pensando na blusa e na pele, na pele sem a blusa ou qualquer coisa do tipo. Levantou um pouco a cabeça e viu o sorriso, sorriso mundo, sorriso diferente dos outros e, não precisava ver mais nada. Estava ali, era o "match", era o sorriso.

Ergueu um pouco mais os olhos e aquele olhar sorriso

encontrou aquele olhar quase triste, reconheceram-se e sorriram. Conversaram tudo o que uma mesa de bar permite que se converse, sobre a vida, sobre as dores da vida e percebeu que suas dores não eram apenas suas, alguém também as sentia, falaram também sobre a alegria, sobre o mundo e cada uma falava, e cada vez mais falavam, sorriram quando perceberam que pareciam velhas amigas.

Depois de muitas cervejas e conversas: "Vamos para minha casa, é aqui perto", Ananda escutou petrificada, a frase penetrou cada centímetro do seu corpo, ecoando cada vez mais e mais forte, "vamos pra minha casa"! Moveu-se e num ímpeto respondeu sem rodeios.

E lá se foram...

Ananda caminhava com uma cerveja na mão, estava quase triste, quase feliz, sentia coisas e desejava. E seguia, seguiu... Sentaram-se na sala que era cheia de livros, a decoração bonita feita com paletes supria a ausência dos móveis, os livros eram tudo o que se tinha ali dentro de algum valor. Deitaram sobre um tapete e duas almofadas, olhando pela janela um pedaço do céu um pouco estrelado. Ananda esquecia aos poucos da sua fiel companheira, a tristeza, sentia-se, ao menos, um pouco feliz.

As mãos se cruzaram e surgia um sorriso mútuo. Os rostos iluminados pela pequena janela espelhavam o desejo de um olhar mergulhar no outro e fecharam os olhos, permitindo que o infinito fosse possível por alguns segundos, os lábios se tocavam, as mãos que deslizavam sem pouso e brincavam pelo rosto, os cabelos, as pernas e, nesses toques, aquelas duas se sentiam infinitamente próximas uma da outra. Poderiam, naquele momento, entrar e morar uma dentro da outra. E foi o que fizeram.

Se olhavam, os lábios se encontravam e se desencontravam, aproveitando os tantos caminhos que eram possíveis percorrer — bocas, pescoços, seios. Despiram-se e sentiram seus seios juntos, como se pudessem transferir por aquele contato o desejo, o tesão... úmidas e quentes, suas boceitas ligavam uma na outra e se correspondiam... Ananda desejando coisas que não sabia que era possível pensar e sentir, esses desejos que ali foram personificados em sua frente. Contemplava a pele, que agora, sem a blusa amarela, mostrava os seus riscos, rabiscos e seios, tão cheios de mistérios que suas mãos tateavam sem rumo e sem saber o quê ou como fazer. Ela só ia e vinha, tão sem rumo quanto suas caminhadas sem fim. A diferença desse momento, é que foram uma dos poucos em que ela sentiu tanta vontade de ficar, que permaneceu. Ficou face a face com aquele sorriso e aqueles olhos que sorriam, que ora ou outra se distraíam com os cabelos que teimavam em fazer parte de tudo... Sorriam, gemiam, sentiam...

Deitadas, olhando pela pequena janela sem juras ou expectativas, sentiram o máximo que aqueles dois corpos poderiam sentir. Sua igual, de boceta, de vida e de raça se desnudava e, era possível até esquecer que era quase triste. Os toques recomeçavam, de novo e de novo.

Ananda desejava, a menina sem desejos, desejava que aquilo não terminasse... Não naquela noite. Sentiu que ao lado de sua igual, as memórias de dor que tanto atormentava, poderiam ser partilhadas, encaradas e servir enquanto espaço de fortalecimento futuro — as memórias importavam. Naquele encontro, pode sentir até um sopro de vida.

HÁ PEDAÇOS DOS NOSSOS ESPALHADOS PELA CIDADE

Naiara Santos e Silva

Naiara Santos e Silva, Psicóloga / Psicanalista em Formação. Filha do Gilson e da Maria Gorete, neta da Maria Vera e Lourival e de Doralice e Geraldo.

Essa história se passa em Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, conhecida também como princesa de Minas. Essa não é uma narrativa sobre a cidade, mas diz bastante sobre ela.

Subindo pela Avenida Barão do Rio Branco, coração da cidade, nas suas bordas, uma infinidade de prédios, residenciais, comerciais, de todos os tipos e tamanhos. Eu sempre olho pouco pro alto quando estou sozinha, meus passos costumam ser ligeiros, indo direto ao destino das coisas que tenho a fazer, olhos focados no caminho.

A companhia de meu avô me coloca a pensar na cidade, nos seus cantos, espaços e na sua dinâmica. Meu avô é um homem negro, que veio da Bahia para Minas e já trabalhou em muitos lugares desde muito pequeno. Eu o admiro tanto pela sua inteligência, sensibilidade, olhar atento e afeto, prendo-me atenciosa às coisas que ele me revela sobre a avenida. "Aquele prédio ali, olha. Trabalhei até o nono andar da construção, depois, fui trabalhar naquele outro ali, do outro lado da avenida." Eu miro as construções, hoje já acabadas, altas e gelo a barriga, imaginando meu avô nas alturas construindo o que hoje

é lar para outras famílias da princesa de Minas.

O mercado imobiliário movimentou muito a economia da cidade hoje, tem construtora e oferta para compra de apartamento aos montes por aqui. Muitos braços negros ergueram e seguem erguendo a cidade, uma vez que os trabalhos na construção civil são ocupados em maioria por homens negros, assim como meu avô, meu pai, alguns tios e primos. Tem pedaços dos nossos espalhados por toda a cidade.

"Olha, tá vendo aquele conjunto de seis prédios ali atrás? Foi depois dessa obra que consegui comprar o terreno da minha casa e da sua avó." Meu avô comprou dois terrenos em um bairro afastado do Centro da cidade na década de 90, e hoje mora com a minha avó nessa terra que conseguiu comprar depois de contribuir na construção de um conjunto de seis prédios. Entre as décadas de 70 e 80, a moradia de aluguel era vulnerável, a cada época de chuvas, havia muitas perdas no "beco", assim era chamado o lugar onde meus avós moravam com meu pai. Um terreno em que foram construídas pequenas casas, que eram alugadas por outras famílias pretas. Próximo ao cór-

rego, se a chuva era pesada, levava junto os móveis, os pertences e um pedacinho das histórias de cada família preta que ali habitava.

O meu avô perdeu o que conhecia como casa várias vezes até poder construir uma casa para ele, para nós. Ainda assim, ele saía todos os dias para construir as casas dos outros. Ele repassou esse ofício para meu pai e para outros sobrinhos. Meu avô acolheu tantas pessoas ao longo desses anos todos, a porta da casa sempre esteve aberta a um parente que precisasse de apoio ou fosse recém-chegado em Juiz de Fora, tentando construir a vida. Meu avô cedia um lugar na casa, auxiliava na busca do trabalho, apresentava o parente na obra e dali, as coisas se encaminhavam.

"Aquele prédio ali, óh, foi ali que seu pai aprendeu a colocar azulejos." Ia dizendo meu avô, enquanto passávamos por uma construção alta e que aparentava ser de altíssimo valor financeiro. Eu já passei em frente a esse prédio inúmeras vezes, talvez, agora, até preste mais atenção na paisagem por saber que ela foi sendo construída com a colaboração das mãos de pessoas que mais admirei e prezo no mundo.

Escutando tantas histórias, vem um misto de admiração com outros muitos sentimentos. Como são injustos os estereótipos construídos em cima dos nossos homens negros. Hoje, meu avô é um homem aposentado, e olhar para ele enquanto conta as histórias do trabalho, das construtoras que não pagavam depois do serviço pronto, das explorações...

me leva rapidamente a muitos pensamentos. O que seria da princesa de Minas sem a mão de obra da população negra? Dos prédios construídos em maioria por homens negros, mesmos prédios que depois se tornam espaço do trabalho doméstico das mulheres negras. Há muitos pedaços dos nossos espalhados pela cidade.

A princesa parece ainda

desfrutar de um ar colonial. Mas, como disse, a história não é sobre ela. Chegamos ao destino e, enquanto aguardo na recepção, meu avô recebe os cuidados em seus olhos, para que seu olhar permaneça atento, vivo e afetuoso. Aqui da janela, eu olho os inúmeros prédios da avenida, pensando nos pedaços dos nossos que estão espalhados pela cidade.

A REVOLUÇÃO DE AMOROSO

Ana Maria Carmo

Ana Maria Silva Carmo, nascida em Salvador/Bahia, Professora, formada em Letras e mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

Nascido na comunidade de São Caetano, Amoroso era um menino tranquilo, gostava de ajudar as pessoas e tentava ignorar a violência diária perpetrada pela polícia e pelos traficantes. Ele era o último filho, o que a mãe não esperava, mas quando veio ela, o amou assim que soube e decidiu, esse seria seu bem maior. Os outros lhe deram desgosto, envolveram-se com pessoas erradas, dois haviam morrido e um aparecia de vez em quando para atormentá-la.

O nome dele era Gabriel, nome de anjo, dizia sua mãe. Cresceu sendo amado, olhado e bem cuidado, aprendeu muitas coisas com sua querida progenitora, principalmente que o ódio só trazia destruição e desamor. Em tempos de guerra, amar é um ato de revolução, dizia sua mãe. E assim ele cresceu, ampliando sua percepção de mundo com leituras de obras de Concei-

ção Evaristo, José Carlos Limeira, Luiz Gama, dentre outros. Aprendera cedo a ter orgulho de sua cor e a importância de conhecer sua cultura. Gabriel via seus amigos seguindo o caminho das drogas, do crime, não os abandonava, porém não se deixava influenciar. Ajudava as senhoras com as compras, as mães com suas filhas e os pais com os trabalhos de construção, sempre sorrindo. O apelido veio de forma natural, Amoroso.

O menino amava ler, já estava no ensino médio e apresentava um senso crítico de sujeitos de faculdade, suas leituras o impulsionavam a ver o mundo de outra forma. As obras de autores negros, indicadas por seu professor de literatura, alimentavam sua alma e sua identidade, era de paz, mas não tolerava injustiças e preconceitos. Era comum vê-los com os jovens da comunidade falando sobre a impor-

tância de estudar e ler autores negros.

O jovem observava seu lar e como as pessoas morriam abandonadas pelo estado que negligencia o pobre e só "sobe ao morro" para reprimir. A polícia é a representação do estado que a população conhece. A sociedade ignora suas mazelas e deixa a úlcera evoluir, os pobres não fazem parte do mundo? E o racismo, esse mal que mata todos os dias? Essas questões o consternavam.

Amoroso semeava a paz, tentava ignorar os olhares de desconfiança e desprezo que recebia fora de sua comunidade, combatia o ódio que às vezes sentia. No entanto, começava a refletir, ignorar nada mudava sua realidade, pelo contrário, reforçava o preconceito, as pessoas não discutiam, não denunciavam e os racistas seguiam transmitindo seus preconceitos da casa grande.

Quanto mais lia, mais Amoroso percebia a importância de se empoderar para derrubar as fronteiras e vencer preconceitos diários, leu "Racismo Estrutural" de Silvio Almeida, "Heroínas negras brasileiras", de Jarid Arraes, "Olhos d'água", de Conceição Evaristo e assim seguia sua formação. Ele não conseguia frear o mar de revolta que crescia em seu peito, mas não mudava seu jeito de ser, continuava bondoso e acreditando nos outros, no entanto, seu olhar mudara, era determinado e sabia da necessidade de transformação social. O poema "Consciência", de José Carlos Limeira, não saía de sua mente, "Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo".

A cada dia, o seu amadurecimento intelectual era ampliado, Conceição lhe mostrava outra perspectiva sobre

as mulheres negras, quanto sofrimento, mas também quanta força. Olhou para sua mãe com uma admiração ainda maior, uma mulher forte, guerreira que sempre foi desvalorizada pelos seus patrões, realidade de muitas negras no Brasil. Mas, isso nunca tirou o sorriso do rosto dela, ele sempre foi seu farol, sua forma de mudar o mundo, mostrar que não esmoreceu.

Dona Maria era sua estrela e quando ela se apagou, ele perdeu o chão. Sua mãe fora morta na "guerra contra o tráfico", Gabriel sentiu o tiro em seu peito, ao enterrar sua mãe, morreu também. Nenhuma notícia, nem passeata na orla, sua estrela virara estatística, mais um número dentre tantos na comunidade.

Um ódio indescritível se apoderou dele, seu irmão desaparecido queria vingar sua

morte, mas Amoroso lembrou dos conselhos de sua querida progenitora, na guerra, o ódio só consome e provoca mais violência, o amor salva. Com esse pensamento, ele resolveu fazer uma revolução, juntou o povo e discursou, sua mãe era muito querida, assim como ele, a comoção foi geral. Todos aplaudiram.

Um mês depois, ele inaugurava seu Centro de estudos intitulado "Guerreira Maria", as crianças e os jovens estavam armados com as armas mais potentes, os livros. Obras que destacam as histórias negras, protagonistas guerreiros, corajosos, poemas que mostravam o encanto e as dores das vivências negras. E assim, ele foi criando seu exército, multiplicadores de conhecimento, revolucionários das palavras.

MINHA LINDA (NEGRA ÂNGELA)!

Tábatta Santos

Tábatta Santos. Assistente Social, Pós graduanda em Políticas Públicas para População Negra-UFF, integrante do Fórum de Mulheres Negras de Itaboraí, Escritora e empreendedora no nicho de confeitaria e acessórios e bijuterias.

Tenho muitas coisas para te contar, imagino que aí no céu esteja uma linda festa com seus irmãos minha nega. Mas, é que no ano de 2020, houve uma transformação que a senhora nem imagina. Nossa linhagem está vivendo alguns pedaços. Estamos passando por momentos muito desafiadores, mais que antes, estamos vivenciando uma pandemia de um vírus (Covid-19) devastadora que ataca

o corpo todo. Lembra que às vezes a senhora falava em praga do Egito? Pois bem, estamos vivendo esse verdadeiro momento de insegurança e medo, só que agora, de um vírus invisível! Se a senhora estivesse aqui, não ia gostar nada do distanciamento social, até porque, você gostava de reunir a família sempre. Mas, com tudo isso, o quilombo abriu as portas para mim. Negra Ângela, estou envolvida em muitos

projetos potentes e transformadores. Acho melhor a senhora se aconchegar para gente bater aquele papo!

Mas, mãe! Em meio a todo esse furacão, estou evoluindo e caminhando. Lembra quando a senhora foi a uma instituição de saúde mental, e após uma conversa com a assistente social, a senhora pediu uma vaga pra mim, pois apesar de ter me formado em Serviço Social ainda não tinha exercido a função

por conta da maternidade? Os dias se passaram e a senhora me lembrava de ligar pra assistente social! "Vai lá, conversa com ela!" Recordo-me das suas palavras perfeitamente, a senhora já sabia, não é?! Até que, numa sexta-feira pela manhã, tomei coragem, (coragem, sim!). Porque estava com medo do novo, do desconhecido, mas você sempre me encorajando. Nossa, fui bem recebida pela assistente social e ela pediu para eu começar a atender na semana seguinte (era um trabalho voluntário), mas agarrei com tanta gratidão e com todas as minhas forças, pois aprendi com a senhora que tudo tinha que ser feito com dedicação e gratidão.

Negro anjo, eu comecei, com medo, duvidando da minha capacidade, mas lembrava de tudo que você me falava quando criança, com meus 7 anos de idade. "Pega, minha filha, papel e caneta, para escrever a carta para os Governadores Garotinho e Benedita, porque eles precisavam saber o que nós pretos e pretas precisamos (Casa, emprego, comida)." Mãe, eu não entendia nada! Achava uma chatice! E os gabinetes respondiam e depois eu lia pra senhora.

Ah! Mãe, esqueci-me de te contar! Consegui entrar para a Pós-Graduação que a senhora tanto falava, Tábatta faz uma pós! Mãe, adivinha de quê?

Em Políticas Públicas para a População Negra. Também participei de duas coletâneas, uma contando um pouco da trajetória da família Silva e, a outra, relatando a história de uma mulher preta muito importante da época.

Minha coruja seca, ganhei um prêmio da Lei Aldir Blanc em um valor significativo na categoria "atividades culturais afro-brasileira", levei nossa Priscilinha para comemorar num restaurante da cidade. Afinal, esse prêmio era da nossa família, rimos e comemos uma comida deliciosa, confesso que fiquei muito emocionada por tudo que estava acontecendo, porém, com a fé de que poderia almejar outros prêmios, outros projetos.

Também sou membra do "Fórum Permanente de Mulheres Negras de Itaboraí", militando e realizando algumas ações voltadas a políticas públicas para a população negra. Afirmei-me enquanto mulher negra e, consigo agora, compreender perfeitamente os nossos processos de vivências e dores.

Mãe, tenho a plena certeza de que a senhora está me benzendo e, junto com os sagrados, abençoando nossos projetos e nossa linhagem. Estou escrevendo e prestes apresentar um projeto social com o nome "Nosso crespo é de Rainha", esse projeto vai valorizar

nossa beleza afro e nossos cabelos crespos. Lembro quando cuidava dos seus cachos, fazia massagem e a senhora ficava toda linda! Ah, mãe... Lembro-me do seu sorriso longo e de sua gargalhada gostosa. Todas as vezes que penso que não vou conseguir mais caminhar, lembro-me do seu sorriso que, apesar de todos os desafios da vida, a senhora permanecia com ele.

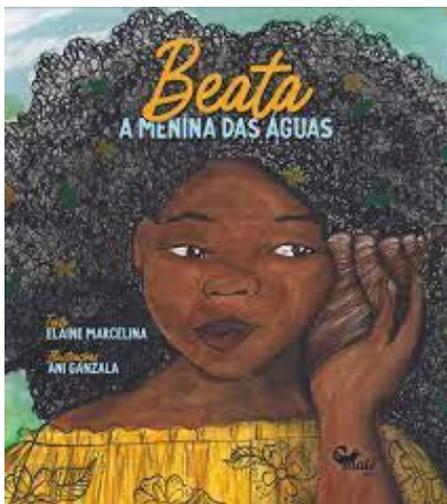
Estou trabalhando minha "coruja seca" na assistência social, como assistente, estou aproveitando a oportunidade para acolher, informar e garantir o direito de todos, principalmente os nossos. Minha sala está linda, com características do nosso povo, vou sempre que posso com turbante, para demarcar nosso território. Tenho sido elogiada pelo atendimento que tenho realizado. Agradeço a oportunidade todos os dias.

Mãe, sinto muito a sua falta, mas, às vezes, pego-me rindo recordando das nossas conversas e de tudo que a senhora falava, que gostaria de ver sua filha bem arrumada e bem sucedida. Seguimos por aqui, vivendo um dia de cada vez, compreendendo os propósitos do universo, tenho a certeza de que a senhora está em um ótimo lugar!

Descanse em paz, minha Rainha! Minha coruja seca!

Com Carinho, sua filha Tá-batta.

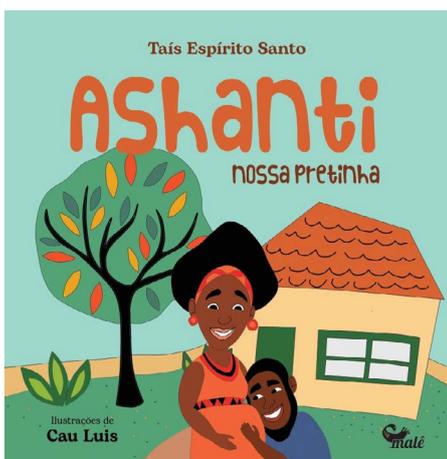
Lançamentos



Beata: a menina das águas (Malê)

Elaine Marcelina

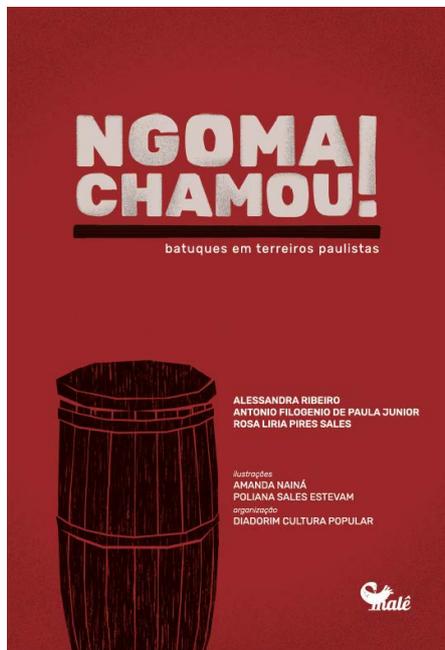
"Beata: a menina das águas" conta a história de uma menina e sua conexão com a natureza como força de sua vocação espiritual. O livro é uma homenagem à Mãe Beata de Iemanjá.



Ashanti: nossa pretinha (Malê)

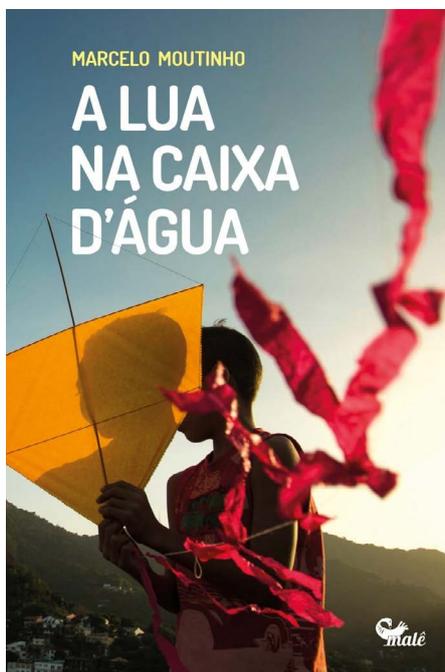
Tais Espírito Santo

O livro conta a história do nascimento de Ashanti, uma menina muito esperada e amada pelos seus familiares.



NGOMA CHAMOU! Batuques em terreiros paulistas (Malê)

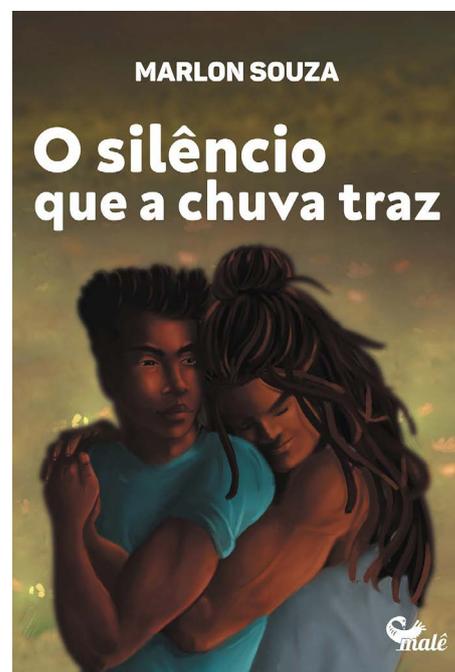
Este livro vem te convidar para uma prosa com o Batuque de Umbigada, o Jongo e o Samba de Bumbo, tradições vivas que integram uma grande família de culturas de matriz africana bantu no estado de São Paulo.



A lua na caixa d'água (Malê)

Marcelo Moutinho

Em "A lua na caixa d'água", Marcelo Moutinho nos conta histórias de pai e filha, exalta o samba e o saber das ruas e lembra personagens como Dona Ivone Lara e Tia Maria do Jongo.



O silêncio que a chuva traz (Malê)

Marlon Souza

"O silêncio que a chuva traz", é a história de João, um jovem negro e gay, que convive com o pai homofóbico, agressor e abusivo. Ao conhecer Akin e receber seu afeto, entra em um processo de liberdade.



Aos meus homens (Malê)

Marcelo Ricardo

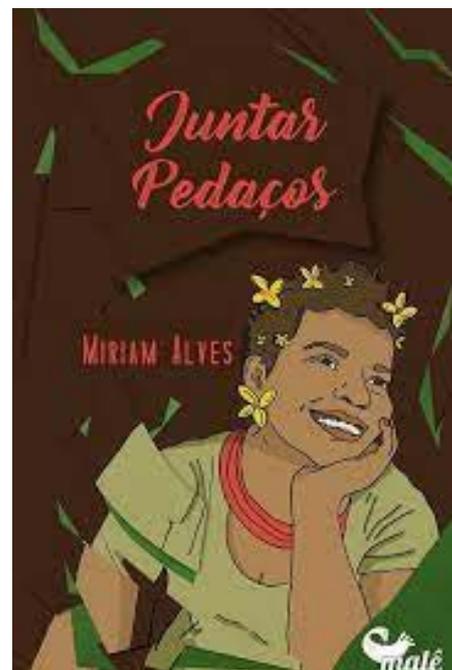
O autor lança um olhar sobre as masculinidades negras, ampliando o significado de afetividade.



Escritos negros: crítica e jornalismo literário (Malê)

Tom Farias

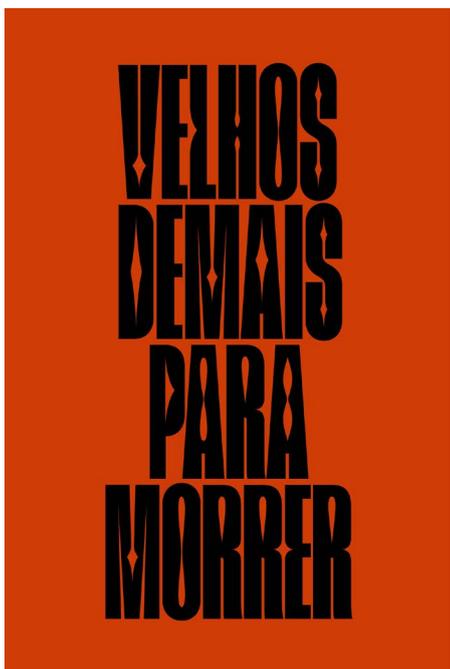
A publicação reúne matérias, entrevistas e resenhas sobre a cena literária negra nos últimos trinta anos.



Juntar Pedacos (Malê)

Miriam Alves

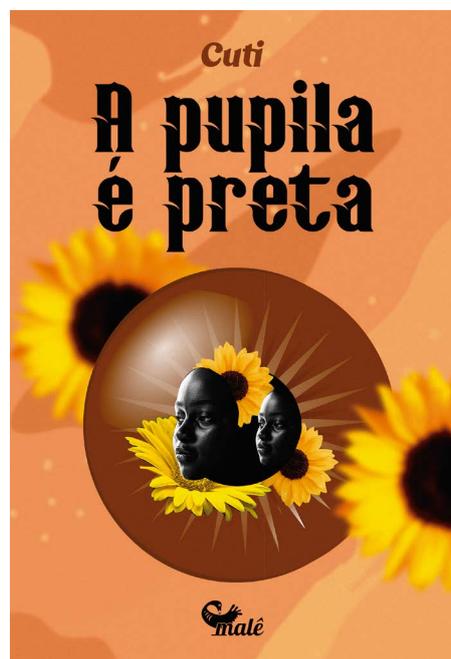
“Os contos curtos, isentos de complexa estrutura formal – porque rompem com quaisquer medidas de assujeitamento teórico e evocam, por dentro, a fala negra silenciada –, privilegiam a vivência e a experiência de mulheres negras violentadas física e psicologicamente. Ainda, o que Miriam Alves traz de diferencial é a perspectiva não apenas de registrar, denunciar, mas também de romper, estraçalhar as amarras do sistema opressivo, racista, misógino, lesbofóbico para efetuar o refazimento das subjetividades, a partir de inaceitáveis relações binárias malogradas às mulheres e das estruturas falocêntricas que permeiam o imaginário social brasileiro.



Velhos demais para morrer (Malê)

Vinícius Neves Mariano

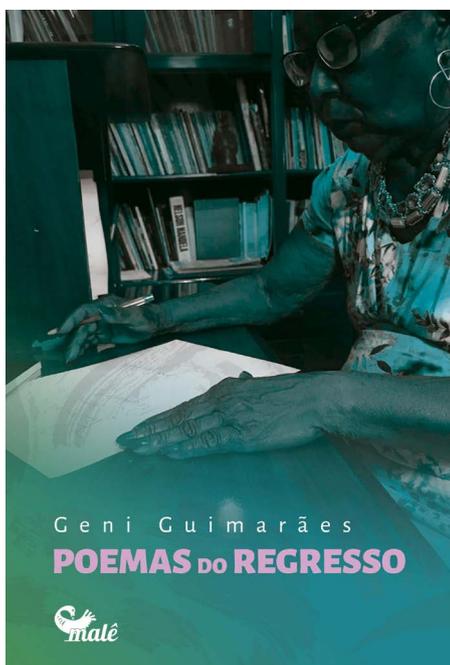
Quando os idosos se tornam a maioria da população, o mundo entra em colapso econômico e uma crise social se instaura. “Velhos demais para morrer” foi o vencedor na categoria romance do Prêmio Malê de Literatura.



A pupila é preta (Malê)

Cuti

Organizado em contos mais extensos, curtos e curtíssimos, “A pupila é preta” é um livro vibrante, que expõe as fricções das relações raciais no Brasil, atendo-se, principalmente, aos afetos que o racismo inaugura, aprisiona ou encerra.



Poemas do regresso (Malê)

Geni Guimarães

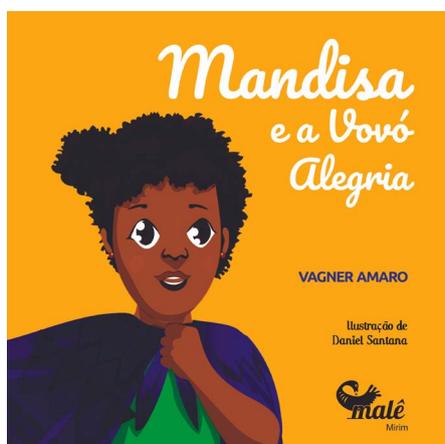
A leitura de Poemas do regresso é uma possibilidade de encontro com a subjetividade de uma escritora que regressa para a literatura nos contando vivências emocionais e visões de mundo.



Balé das emoções (Malê)

Geni Guimarães

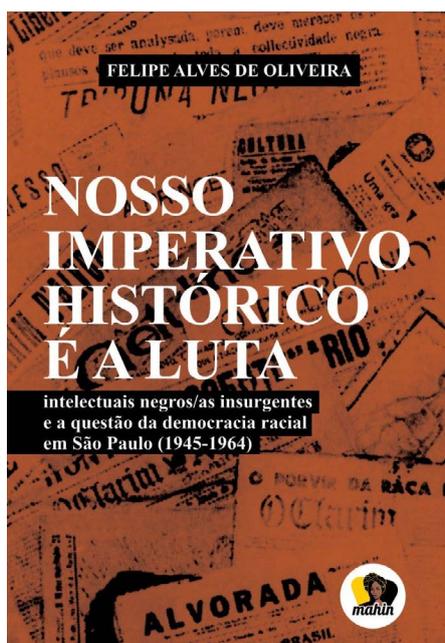
Neste livro de poemas, Geni nos entenece, nos encanta com suas palavras. A autora, que conhecemos inicialmente por meio da prosa, nos brinda com seu verbo em ação, com sua poética sobre amor, infância, sofrimento, desejo, inocência, medo, entrega, utopia.



Mandisa e a Vovó Alegria (Malê)

Vagner Amaro

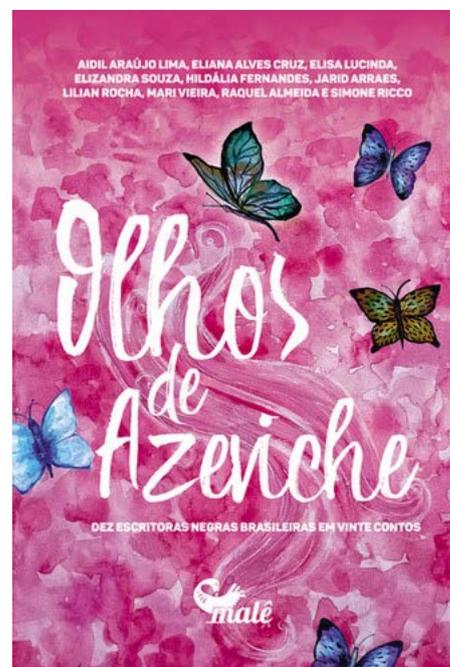
Mandisa e a Vovó Alegria conta a história de amizade entre uma avó, Alegria, e a sua neta, Mandisa. Nesta convivência entre gerações, ensinamentos importantes sobre o gosto pela arte e pela cultura, ancestralidade, conexão com os antepassados africanos e amor familiar, marcam profundamente a infância da menina.



Nosso imperativo histórico é a luta: intelectuais negros... (Malê)

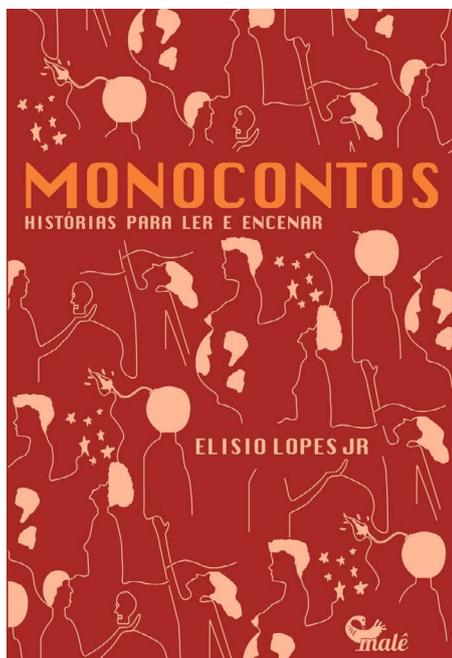
Felipe de Oliveira

O livro recupera as trajetórias do Movimento Negro no contexto da Segunda República (1945-1964), destacando as lutas protagonizadas por intelectuais negros e negras insurgentes.



Olhos de azeviche: dez escritoras negras brasileiras em vinte contos (Malê)

Este livro soma grandes forças ao exercício de renovação da literatura brasileira. Renovar: palavra precisa para pontuar essa desejada circulação de ares: uma renovação sustentada em "passos que vem de longe".



Monocontos: histórias para ler e encenar (Malê)

Elisio Lopes

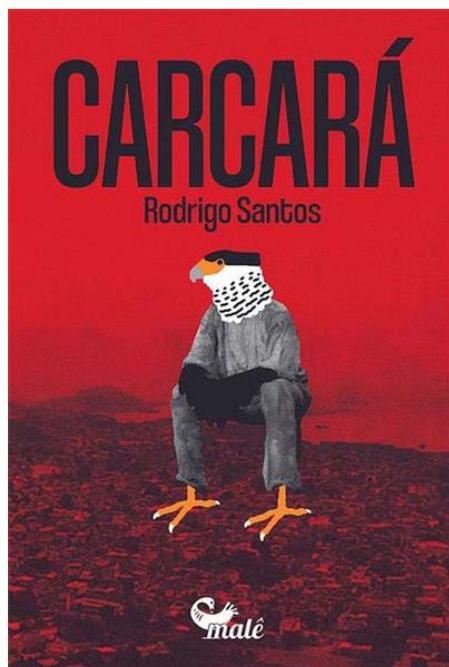
"Monocontos: histórias para ler e encenar" reúne monólogos de diversos estilos, linguagens, tamanhos e estéticas. Alguns, escritos dentro de peças já encenadas e outros que foram encomendas para eventos.



O blogueiro bruxo das redes sobrenaturais (Malê)

Fábio Kabral

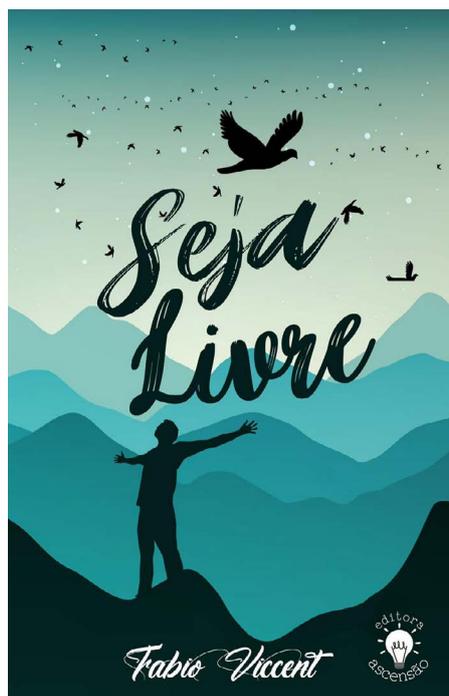
Cês viram o vídeo novo do Joselito Abimbola? Filho de Logun Edé! Roupas purpurinadas! Superpoderes digitais! O sonho dele é ser o maior blogueiro das redes sobrenaturais de Ketu Três! Bafo!



Carcará (Malê)

Rodrigo Santos

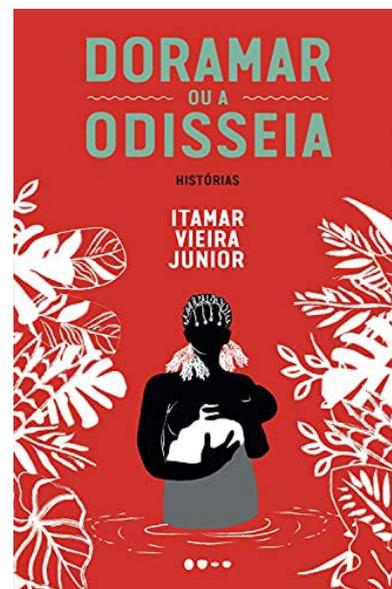
Carcará é uma coletânea de 14 contos inéditos de Rodrigo Santos.



Seja livre (Ascensão)

Fábio Vicent

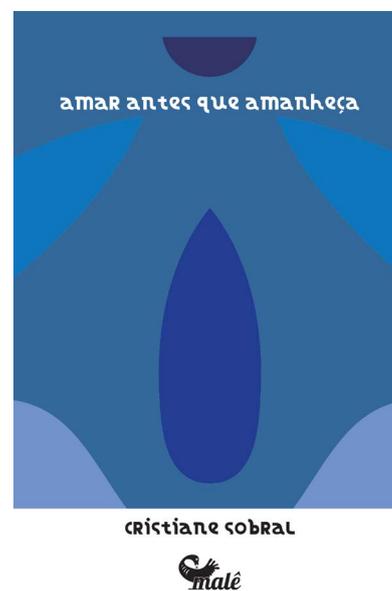
O livro reúne crônicas e textos sobre liberdade, sonhos e seu lugar no mundo.



Doramar ou a odisseia: histórias (Todavía)

Itamar Vieira Junnior

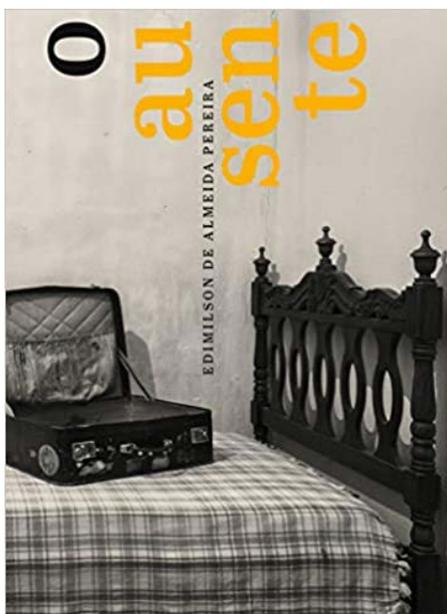
Num diálogo permanente com nossas questões sociais e a tradição literária brasileira, Itamar enfeixa um conjunto de histórias a um só tempo atuais e calcadas na multiplicidade de culturas que formam o país.



Amar antes que amanheça (Malê)

Cristiane Sobral

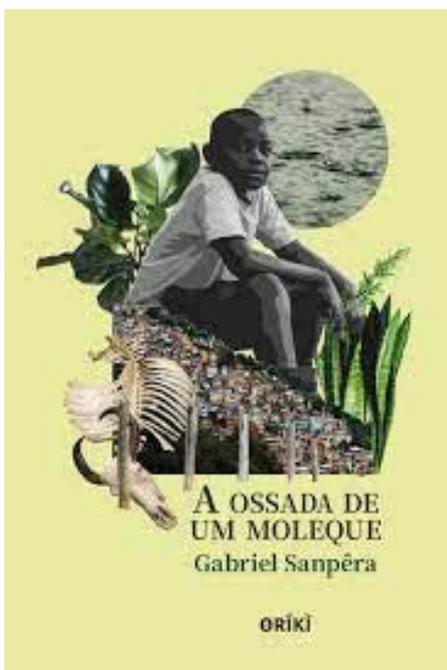
Os quinze contos de "Amar antes que amanheça" criam um painel sobre os diversos tipos de amor. Cristiane Sobral apresenta personagens que encaram situações em que a urgência de amar (antes que amanheça) é uma necessidade para a vida.



O ausente (Relicário)

Edmilson Almeida de Souza

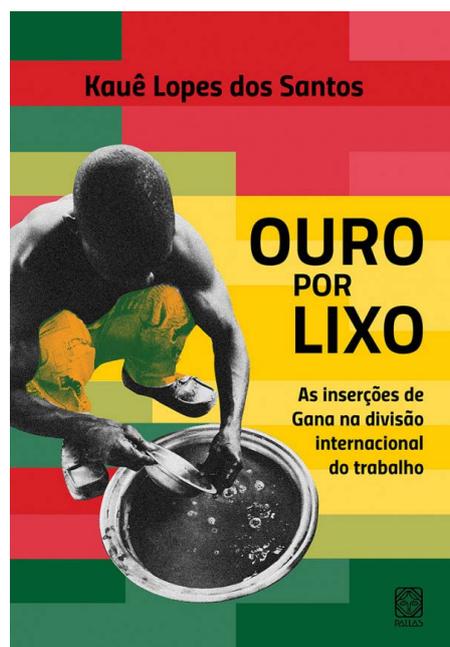
"O ausente" traz uma narrativa que retrata os embates dos personagens entre as exigências do destino e a ânsia da liberdade.



A ossada de um moleque (Oríki)

Gabriel Sanpêra

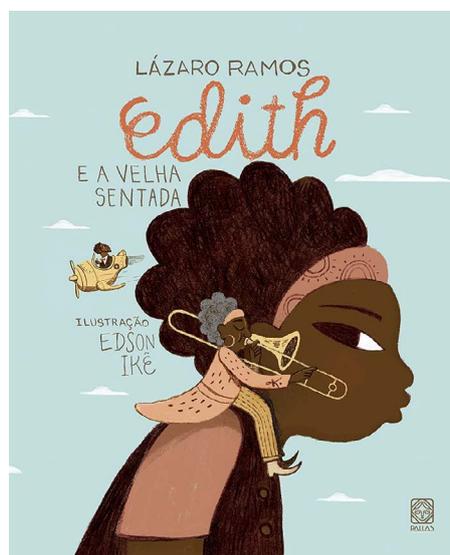
A ossada de um moleque tem a energia da juventude, a sabedoria da ancestralidade e a força da memória.



Ouro por lixo (Pallas)

Kauê Lopes dos Santos

Kauê Lopes dos Santos nos oferece uma ampla visão da economia política de Gana em sua interface com o universo das commodities.



Edith e a velha sentada (Pallas)

Lázaro Ramos

Fazia algum tempo que Edith não conseguia olhar as pessoas nos olhos. Voltava da escola e passava o tempo todo em seu quarto: vendo tevê ou no computador. Já estava se afofando de tanto que nele mergulhava.



Um buraco com meu nome (Alfaguara)

Jarid Arraes

Nesta antologia, a autora de Redemoinho em dia quente vai em busca de "uma toca/ de paredes/ grossas// um abrigo/ que cesse/ a fome", um refúgio em meio a campo aberto.